Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Emerson Gonçalves de Souza

AS RELAÇÕES ENTRE FORÇA QUANTIFICACIONAL E POSIÇÃO SINTÁTICA: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS VERBOS EXISTENCIAIS

Belo Horizonte

2023

Emerson Gonçalves de Souza

AS RELAÇÕES ENTRE FORÇA QUANTIFICACIONAL E POSIÇÃO SINTÁTICA: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS VERBOS EXISTENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: (1E) Estudos formais de língua.

Orientadora: Profa. Dra. Luana Lopes Amaral (FALE/UFMG)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2023

S729r

Souza, Emerson Gonçalves de.
As relações entre força quantificacional e posição sintática [manuscrito] : uma análise sintático-semântica dos verbos existenciais / Emerson Gonçalves de Souza. – 2023.
1 recurso online (67 f. : il., p&b.) : pdf.

Orientadora: Luana Lopes Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Formais da Língua.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 64-69.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística – Teses. 2. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 3. Língua portuguesa – Semântica – Teses. 4. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Amaral, Luana Lopes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Israel José da Silva – CRB/6-2128
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

AS RELAÇÕES ENTRE FORÇA QUANTIFICACIONAL E POSIÇÃO SINTÁTICA: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS VERBOS EXISTENCIAIS

EMERSON GONÇALVES DE SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 16 de maio de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luana Lopes Amaral - Orientadora

UFMG

Prof(a). Roberlei Alves Bertucci

UFTPR

Prof(a). Fernanda Rosa da Silva

UFMG

Belo Horizonte, 16 de maio de 2023.

Documento assinado eletronicamente por **Luana Lopes Amaral**, **Professora do Magistério Superior**, em 16/05/2023, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Roberlei Alves Bertucci**, **Usuário Externo**, em 16/05/2023, às 18:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Rosa da Silva**, **Professora do Magistério Superior**, em 16/05/2023, às 18:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2269702** e o código CRC **8F6C0E5A**.

Referência: Processo nº 23072.225918/2023-16 SEI nº 2269702

A quem me ensinou a amar

Para recomeçar.

AGRADECIMENTOS

Fazer pesquisa é uma aventura, e nunca se sabe o que o conhecimento acadêmico irá proporcionar a quem estiver disposto a (tentar) desvendá-lo. Após todos os anos de faculdade, iniciação científica e mestrado, afirmo com convicção que esta dissertação foi a experiência mais difícil -e fascinante- da minha carreira profissional até então. Estou muito orgulhoso de ter chegado até aqui e espero que meus próximos passos acadêmicos sejam igualmente satisfatórios. Dito isso, gostaria de reservar algumas linhas para agradecer formalmente a quem fez parte ativamente dessa jornada:

Primeiramente, a minha professora orientadora Luana Amaral, que sabiamente me guiou ao longo dessa jornada. Luana é um exemplo de competência e profissionalismo, e digo com certeza que a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE - UFMG) é uma instituição privilegiada por dispor do seu trabalho e de seus conhecimentos. Também gostaria de agradecer à professora Fernanda Rosa pelo auxílio com as bibliografias e com os autores, bem como por sua disponibilidade em ajudar com dúvidas e ideias.

Ao Programa Bom Aluno, por todo o suporte e apoio social e emocional ao longo de todos esses anos de vida acadêmica. Deixo um grande abraço a essa equipe competente e qualificada que diariamente se empenha em mudar a vida de tantas crianças por aí. Vocês são incríveis!

Do ponto de vista pessoal, deixo o meu mais sincero e carinhoso *obrigado*…

Aos meus pais, Marizete e João, que sempre lutaram para que eu tivesse acesso ao que lhes foi negado: educação. Mãe, pai, se hoje sou mestre em linguística é porque vocês são mestres em criar e educar os seus filhos. Aprendi a superar obstáculos vendo a rotina árdua que enfrentam diariamente e tenho orgulho de tudo que já conquistaram. O meu mestrado é uma vitória nossa! E por falar em "vitória", deixo à minha irmã o seguinte ensinamento: podemos alcançar grandes conquistas quando temos força de vontade e persistência durante o percurso. Que as falhas da vida te ensinem a ser mais forte e que os sucessos não tirem a sua humildade. Lembre-se sempre de onde veio e não deixe que apaguem a sua essência.

A minha melhor amiga/professora/mãe Anya Campos, que desde o primeiro dia de aula do primeiro período da graduação vem me ensinando a ser um profissional -e uma pessoa- melhor. Uso a locução verbal "vem me ensinando" porque, quando se trata de

educação, nunca há um ponto final; sempre podemos ser melhores. Agradeço por me mostrar o sentido de *excelência*. Também agradeço por todos os lanchinhos, abraços, sorrisos, ligações de vídeo, mais sorrisos e- é claro- sermões. Você é uma mulher maravilhosa e uma professora exemplar, e é uma honra fazer parte da sua vida. Também agradeço ao Fabrício, marido da Anya, a quem eu adequadamente chamo de *Fabulous*. Meus recursos tecnológicos não funcionariam sem você, Fabs, e obrigado por estar ao lado de alguém que eu tanto admiro. Lola, Pirata e saudoso Fred, vocês também são meus filhos.

A minha amiga (e agora afilhada de casamento) Clauâne, deixo, além do meu "obrigado", o meu "eu te disse". Nunca duvidei da sua capacidade e do seu talento com as letras, nem mesmo quando você mesma duvidava, Clau. Fico muitíssimo emocionado em dividir com você esse momento em que nós nos tornamos mestres em nossas respectivas áreas linguísticas, e que venha o nosso doutorado!

Aos meus demais amigos da FALE, deixo um forte abraço, repleto de gratidão e carinho. Bárbara, Amanda (parceira semanticista), Guilherme, Kênia e Mia, foi um verdadeiro prazer tê-los ao meu lado durante a minha jornada na Letras. Deixo também um abraço especial para o meu querido Élder, um sintaxista brilhante e um verdadeiro amigo para todas as horas. Obrigado por todas as risadas e por todos os resgates em fonética/fonologia, tenho orgulho de você.

Aos meus mais antigos e sempre presente amigos:

Maria Karolina, minha maravilhosa Mkay, agradeço por ser sempre a rocha que me sustenta, por sempre me apoiar nas turbulências e, acima de tudo, por ver quem eu sou por dentro. Você será eternamente a Helena musa dos meus textos.

Maria Clara, querida Marinho, os anos de criatividade e de livre expressão ao seu lado me ajudaram a canalizar os problemas e a ver soluções inteligentes. Obrigado pelos filmes, pelas músicas alternativas e por sempre buscar me ajudar quando preciso. Estarei sempre ao seu lado no que der e vier.

Cecília, cujo apelido não é apropriado para essa ocasião formal, agradeço a você por me ajudar a ser alguém em constante movimento de mudança e de melhoria. Que nossas conversas sobre amor-próprio sempre permaneçam enraizadas em nossos corações, mesmo quando dias sombrios espreitarem em nossas vidas. A carioca mais mineira, a melhor *parabatai* que um leitor de ficção poderia desejar.

Lucas, grande Luquinhas, quem sempre esbanjou -e continuará esbanjando- simpatia e inteligência. Obrigado por me ensinar a não me calar quando me sentir intimidado e, principalmente, por me mostrar o valor da terapia e do acompanhamento psicológico. Se hoje reorganizo minha vida, é em grande parte graças a você.

Lucca, alguém que há anos me cativa, mesmo mantendo sua distância e seus mistérios. Espero ter mais momentos contigo, sua presença é muito apreciada por mim.

Deixo um obrigado especial a Neura, Dalton, Karla, Israel, Márcia e Wagner, pais dos meus amigos que me abraçaram como membro da família e, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso. Guardo todos vocês no meu coração.

Já chegando ao fim dos agradecimentos, deixo a minha gratidão ao meu querido- e extremamente lindo- amigo Félix, tão especial que só de falar seu nome eu já sinto saudades. Nenhum ombro supera o seu, e espero tê-lo sempre por perto, seja para sorrir ou chorar. Tenho orgulho do homem que o garoto que conheci no primeiro ano do ensino médio se tornou. E antes que eu me esqueça: ainda estou esperando o meu tão prometido texto de aniversário!

Às minhas amigas Larissa e Isabela, deixo minhas palavras de admiração: mulheres fortes, destemidas de ser quem realmente são. Capazes, maravilhosas e, acima de tudo, livres. Obrigado por me inspirarem a seguir meus sonhos!

Um obrigado também a Karol, a melhor psicóloga que alguém poderia ter. Sou grato pelo atendimento humanizado, pela compreensão perante as dificuldades e pela paciência durante as análises. Graças a você, não tenho mais medo da minha ansiedade. Graças a você, estou caminhando para um futuro maravilhoso.

Aos meus amigos do vôlei, deixo um enorme abraço, repleto de gratidão. Glaicon, Israel, Ítalo, Wender, Drica, Sarah, Gleice, Gabriel, Zimas, Vitor, Samuel e tantos outros... desejo a vocês muito sucesso e felicidade, dentro e fora de quadra.

E por último, mas não menos importante, agradeço a todos os meus hamsters e ao meu porquinho da índia. Só quem tem um bichinho sabe as maravilhas que eles proporcionam em nosso cotidiano.

A todos aqui listados, o meu amor.

“Better to leave matters a little semantically underdeterminate...than make the language impractical to use or impossible do learn”

Jay D. Atlas

RESUMO

Nesta dissertação, tomamos como objeto de estudo as relações presentes entre a força quantificacional e a posição sintática de uma expressão quantificadora quando combinada a verbos existenciais, isto é, como argumento em sentenças formadas a partir dos verbos existenciais. Heim e Kratzer (1998) postulam a incapacidade de quantificadores fortes ocuparem uma posição argumental de verbos existenciais. Isso se deve ao fato de que os verbos existenciais assertam a existência do elemento nominal que o acompanha, enquanto os quantificadores fortes pressupõem a existência do elemento nominal ao qual se referem (HEIM; KRATZER, 1998). Há, portanto, uma incompatibilidade entre pressuposição de existência e asserção de existência, forças anulatórias. Todavia, mesmo que haja tais limitações semânticas, no português brasileiro (PB) existe a possibilidade de que um quantificador forte ocorra em um argumento de um verbo existencial (VIOTTI, 2002). Para explicar essas ocorrências, levantamos a hipótese de que o deslocamento das expressões quantificadores para a posição pré-verbal na sentença, o tempo verbal e a adição de adjuntos são elementos que licenciam a ocorrência de elementos fortes em sentenças com verbos existenciais. Partindo dessa hipótese, a pesquisa objetivou contribuir para o estudo e para a compreensão gramatical do PB, a partir da comparação entre as estruturas sintáticas das sentenças analisadas e da relação entre essas ocorrências e os quantificadores fortes e fracos, a fim de verificar um possível comportamento sistêmico entre a posição do argumento e o tipo de determinante/quantificador que encabeça o argumento. Foram analisados os verbos existenciais *existir*, *haver*, *ter*, *abundar* (OLIVEIRA, 2020) em combinação com os quantificadores fortes *todos*, *cada* e *a maioria de* e com os quantificadores fracos *poucos*, *muitos* e numerais. A análise resultou em uma correlação sistemática entre posição sintática e a força quantificacional, além de termos também observado a influência do tempo verbal e da inclusão de modificadores, conforme a hipótese levantada. Os dados indicam que o quantificador forte e o elemento nominal ao qual se refere ocupam a posição pré-verbal quando ocorrem com verbos existenciais. Esse fenômeno de deslocamento parece ser ainda facilitado quando associado ao tempo verbal passado e quando delimitado por adjuntos diversos. A partir desse resultado, propomos que as situações de conflito entre pressuposição de existência e asserção existencial são derivadas da incidência desses dois fatores sobre um mesmo referente, e que, ao deslocar o quantificador forte e o elemento nominal ao qual

se refere para a posição pré-verbal da sentença, ocorre uma diferenciação entre o referente da pressuposição e o referente da asserção, ou seja, há a pressuposição de existência de um elemento diferente daquele sobre o qual a existência é assertada. Os adjuntos e o tempo passado possibilitam essa diferenciação, uma vez que contribuem para um efeito de subconjunto na sentença, de forma que a existência pressuposta se refere a um conjunto determinado, enquanto a asserção da existência se dá sobre um subconjunto de tal conjunto.

Palavras-chave: força quantificacional; verbos existenciais; pressuposição de existência; asserção de existência; português brasileiro.

ABSTRACT

In this dissertation, we take as our object of study the relations between quantificational strength and syntactic position of a quantifier when combined with existential verbs, that is, as arguments in sentences formed from existential verbs. Heim and Kratzer (1998) postulate the inability of strong quantifiers to occupy an argument position of existential verbs. This is due to the fact that existential verbs assert the existence of the nominal element that accompanies them, while strong quantifiers presuppose the existence of the nominal element they refer to (HEIM; KRATZER, 1998). There is, therefore, an incompatibility between presupposition of existence and assertion of existence, nullifying forces. However, even with such semantic limitations, in Brazilian Portuguese (BP) there is a possibility that a strong quantifier occurs in an argument position of an existential verb (VIOTTI, 2002). To explain these occurrences, we hypothesize that the movement of quantifier expressions to the pre-verbal position in the sentence, tense, and the addition of modifiers are elements that license the occurrence of strong elements in sentences with existential verbs. Based on this hypothesis, the research aimed to contribute to the study and grammatical understanding of BP, comparing the syntactic structures of the analyzed sentences and relating these occurrences to strong and weak quantifiers, in order to verify a possible systemic relationship between the position of the argument and the type of quantifier that heads the argument. We analyzed the existential verbs *existir*, *haver*, *ter*, *abundar* (OLIVEIRA, 2020) in combination with strong quantifiers/determiners *todos*, *cada*, and *a maioria de* and also in combination with weak quantifiers *poucos*, *muitos* and numerals. The analysis resulted in a systematic correlation between syntactic position and quantificational strength, and we also observed the influence of tense and the inclusion of modifiers, as hypothesized. The data indicates that the strong quantifier and the referred nominal element occupy the pre-verbal position when occurring with existential verbs. This displacement phenomenon seems to be facilitated even further when associated with the past tense and delimited by diverse adjuncts. From this result, we propose that situations of conflict between presupposition of existence and assertion of existence are derived from the incidence of these two factors on the same referent, and that, by moving the strong quantifier and the referred nominal element to the pre-verbal position of the sentence, a differentiation occurs between the referent of the presupposition and the referent of the assertion, that is, there is a presupposition of existence of an element

different from that about which existence is asserted. The adjuncts and past tense enable this differentiation, since they contribute to a subset effect in the sentence, so that the presupposed existence refers to a determined set, while the assertion of existence occurs over a subset of such a set.

Keywords: quantificational strength; existential verbs; presupposition of existence; assertion of existence; Brazilian Portuguese.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1- Verbos existenciais coletados 45

Quadro 2- Quantificadores coletados, exemplos criados e força quantificacional associada a cada determinante/quantificador. 45

Quadro 3 - Simbologia 48

Quadro 4 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *existir* 49

Quadro 5 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *abundar* 51

Quadro 6 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *haver* 54

Quadro 7 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *ter* 55

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO DO TRABALHO 16
1.1. INTRODUÇÃO À PESQUISA: OBJETO, PROBLEMA E HIPÓTESE 16
1.2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA 22
1.3. METODOLOGIA 23
2. REFERENCIAL TEÓRICO 25
2.1. A SEMÂNTICA FORMAL 25
2.2. O TRATAMENTO DE EXPRESSÕES QUANTIFICADORAS 29
2.3. QUANTIFICADORES UNIVERSAIS E QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS 31
2.4. DETERMINANTES QUANTIFICADORES 33
2.5. FORÇA QUANTIFICACIONAL 34
2.6. PRESSUPOSIÇÃO E PRESSUPOSIÇÃO DE EXISTÊNCIA 35
2.7. VERBOS EXISTENCIAIS E SENTENÇAS EXISTENCIAIS 40
3. A RELAÇÃO ENTRE FORÇA QUANTIFICACIONAL E POSIÇÃO ARGUMENTAL EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS 45
3.1. SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS 58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 66

1- APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1.1. INTRODUÇÃO À PESQUISA: OBJETO, PROBLEMA E HIPÓTESE

No português brasileiro (PB), a noção semântica de existência é expressa por um conjunto pequeno de verbos e outras construções, chamadas de existenciais (VITÓRIO, 2013; OLIVEIRA, 2020). Embora expressem noções semelhantes: a existência de um referente no mundo, cada idioma se apropria de recursos e estratégias para garantir a melhor comunicação entre seus falantes.

Em línguas bantas, por exemplo, uma estratégia muito frequente para a realização de expressões existenciais são as cópulas (ARAÚJO, 2013), como exemplificado pela língua Umbundo:

(1) Umbundo

Ku-li **Suku**

17-COP 1-Deus

'Deus é (existe)'

(ARAÚJO, 2013, p.159)

Destrinchando (1), a cópula responsável pela expressão de existência está presente nos elementos da classe nominal locativa, representada na tabela do autor pela numeração *17* e pela abreviação *COP* (ARAÚJO, 2013). Esse exemplo, assim como outros, é tido por Heine (1997, citado por ARAÚJO, 2013) como uma possível evolução da marca de locativo para um expletivo, semelhante ao *there to be* do inglês. Esse fenômeno também se aproxima do português (DUARTE, 2003) e é evidenciado em sentenças como *Tem muita gente na praça* (DUARTE, 2003, p.2), em que a posição de sujeito se realiza pela ocorrência de um expletivo nulo/pleno (DUARTE, 2003).

Um outro fato interessante sobre construções existenciais é apresentado por McNally (1997), pesquisadora da língua inglesa. A autora discorre que as construções existenciais aparentam ter contrapartes não existenciais. Porém, esses pares representam uma estrutura adjacente similar, já que as condições de verdade das sentenças, isto é, as

condições para que a sentença seja avaliada em verdadeira ou falsa (HEIM; KRATZER, 1998), continuam as mesmas, como mostrado a seguir em (2) (MCNALLY, 1997, p.15):

(2) a. A child was ill.
‘Uma criança estava doente.’
b. There was a child ill.
‘Tinha uma criança doente.’
c. A woman was playing the guitar.
‘Uma mulher estava tocando violão.’
d. There was a woman playing the guitar.
‘Tinha uma mulher tocando violão.’
e. A passenger was killed in the accident.
‘Um passageiro morreu no acidente.’
f. There was a passenger killed in the accident.
‘Tinha um passageiro morto no acidente.’

Em (2), McNally (1997) inicia uma discussão a respeito das construções existenciais, evidenciando que esse tipo de sentença possui contrapartes não existências, ligadas por exemplo a alternâncias sujeito-verbo e verbo-sujeito, dentre outros fatores, como pessoalidade/impessoalidade.

Os comportamentos linguísticos evidenciados por Araújo (2013) e McNally (1997) em suas respectivas línguas de análise mostram que são variadas as possibilidades que envolvem os verbos e as construções existenciais, uma vez que essas sentenças relacionam, em sua formação, aspectos semânticos com aspectos sintáticos. No caso do PB não seria diferente: desde processos evolutivos -envolvendo questões sociais e estruturais- o verbo *ter*, por exemplo, passou de possessivo para também verbo existencial (AVELAR; CALLOU, 2000), e passou também, assim como o verbo *haver*, a incorporar expletivo na posição de sujeito (DUARTE, 2003).

Delimitando as amplas possibilidades que o estudo das construções existenciais traz, o presente trabalho apresenta como seu objeto de estudo as interações semânticas causadas pela presença de quantificadores fortes em frases com verbos existenciais no PB. A mediadora dessas interações é a pressuposição de existência, um tipo de inferência semântica que é proporcionada por determinantes/quantificadores fortes (HEIM;

KRATZER, 1998) como *todos*, *a maioria de* e *cada*, mas que não é desencadeada por verbos existenciais. São eles: *existir*, *ter*, *haver* e *abundar* (OLIVEIRA, 2020; CANÇADO et al., 2017).

Assim, vale salientar que, embora sejam as ferramentas por excelência para expressar a existência de um elemento, os verbos existenciais, assim como outras construções existenciais, não são os únicos recursos linguísticos capazes de codificar a ideia de existência. Os determinantes/quantificadores fortes exemplificam essa afirmação:

(3) Se você encontrar **todos** os erros da prova, irá ganhar um prêmio.
(4) Se você encontrar **a maioria dos** erros da prova, irá ganhar um prêmio.

Em negrito há determinantes fortes, especificamente quantificadores fortes. São chamados de fortes porque tomam como verdade que o referente do substantivo que os segue existe -daí o nome "pressuposição de existência" (HEIM; KRATZER, 1998). Tanto (3) quanto (4) partem do pressuposto de que existem erros na prova, que devem ser encontrados.

Esses determinantes se opõem a outros que não partem desse pressuposto de existência; os chamados determinantes/quantificadores fracos (HEIM; KRATZER, 1998), como os destacados a seguir:

(5) Se você encontrar **muitos** erros na prova, irá ganhar um prêmio.
(6) Se você encontrar **três** erros na prova, irá ganhar um prêmio.

Em contraste a (3) e (4), (5) e (6) não partem do pressuposto de que existem erros na prova que devem ser encontrados. Na verdade, tais sentenças indicam que pode ou não haver erros na prova.

A combinação de verbos existenciais, capazes de assertar a existência do referente de um elemento nominal, com um quantificador forte, apto a desencadear pressuposição de existência do referente do elemento nominal, resulta em uma inconsistência semântica, a ser analisada mais à frente.

Questões de existência e quantificação têm sido tratadas de forma especial na Linguística pela Semântica Formal, área de pesquisa que considera o significado como referencial ou verifuncional (CANN, 1993; HEIM; KRATZER, 1998; BORGES, 2020; MÜLLER; VIOTTI, 2004; PIRES, 2012; FERREIRA, 2019). Nessa vertente, Heim e Kratzer (1998) tratam a presença de sintagmas nominais (NP's) em sentenças existenciais como uma impossibilidade quando esses NP's são definidos, por desencadearem a pressuposição de existência.

Dessa forma, uma sentença como **Há todos os gatos na rua* é agramatical, em contraposição a *Há muitos gatos na rua*, pois o quantificador *todos* é um determinante forte, capaz de desencadear a pressuposição de existência e, consequentemente, não estaria licenciado a ocupar uma posição argumental em uma construção existencial – ao contrário de *muitos*. Interessantemente, há casos -a serem analisados neste trabalho- que mostram que a asserção desencadeada pelo verbo e a pressuposição desencadeada pelo quantificador forte podem sim coexistir em uma construção existencial. Para isso, basta movimentar o determinante forte e o elemento nominal associado a ele para a posição pré-verbal da sentença existencial, como mostrado a seguir:

(7) *Existiram **todos os** dinossauros.

A sentença (7) é agramatical; o quantificador forte foi barrado na posição pós-verbal, o que indica conflito entre a pressuposição de existência do quantificador e a asserção de existência do verbo.

(8) **Todos os** dinossauros existiram há 65 milhões de anos.

Em contraste, a sentença (8) é gramatical; o quantificador forte foi licenciado na posição pré-verbal da construção existencial, o que indica ausência de conflito entre pressuposição de existência do quantificador e asserção de existência do verbo.

Ainda sob essa ótica, segundo Viotti (2002), diferentemente dos NP's indefinidos, que não desencadeiam a pressuposição de existência, os NP's definidos, que a desencadeiam, não podem ocorrer em posição sintática posterior aos verbos existenciais. É por essa razão que uma frase como *Há muitos gatos na rua* seria totalmente gramatical

e facilmente aceita por falantes da língua em uma situação comunicativa, diferentemente de **Há todos os gatos na rua*, agramatical, como apresentado acima.

Todavia, essa constatação sobre o fenômeno não é, ou pelo menos não deveria ser, categórica, uma vez que existem sim construções em que NP's definidos, compostos por determinantes fortes, ocupam a posição pós-verbal de sentenças existenciais:

(9) Tem muitos meninos na rua. Tem **a maioria das** meninas também.

O interessante, porém, é que essa ocorrência é mais limitada e menos aceitável quando comparada à presença pós-verbal de NP's indefinidos, compostos por determinantes fracos.

Tendo isso em vista, esta pesquisa busca explorar, também na perspectiva da Semântica Formal, o que motiva a coocorrência de quantificadores fortes e verbos existenciais, fenômeno que contraria o princípio de que não seria possível a combinação na mesma sentença da pressuposição de existência e da asserção existencial.

Focando especificamente em construções existenciais e em pressuposição de existência, é possível imaginar, por um pensamento leigo e precipitado, que a pressuposição de existência seria obrigatória para essas construções. Todavia, como já dito anteriormente, elas não desencadeiam pressuposição de existência, justamente por terem, como função, assertar a existência de uma entidade.

Uma forma de comprovar essa afirmação é por meio do teste das famílias da sentença (CANÇADO, 2015):

(10) Existe uma batata na geladeira.
(10a) Não existe uma batata na geladeira.
(10b) Existe uma batata na geladeira?
(10c) Se existir uma batata na geladeira, fritarei para comer.

As sentenças (10), (10a), (10b) e (10c) correspondem, respectivamente, a uma construção existencial afirmativa, sua forma negada, interrogada e condicionada. A pressuposição é um conteúdo semântico que deveria se manter inalterado em todas essas formas, ou seja, o conteúdo pressuposto é algo tomado como verdade pelo falante ao

proferir qualquer uma dessas formas. Em (10), é impossível dizer que não existe batata na geladeira, uma vez que a sentença asserta essa informação. Todavia, em (10a), o oposto acontece: não se pode afirmar que existe batata na geladeira, uma vez que a sentença asserta a inexistência do objeto. Em (10b) e (10c), é possível que não haja batatas na geladeira, já que as sentenças não assertam a existência desse item. Assim, a pressuposição de existência não acontece em construções existenciais, já que a família linguística desse tipo de construção não irá desencadear essa pressuposição.

Entretanto, já foi mostrado que, mesmo que as frases formadas com verbos existenciais não desencadeiem pressuposição de existência, elas ainda podem ser formadas com determinantes fortes, que são itens lexicais que desencadeiam a pressuposição de existência, o que, a princípio, é uma incompatibilidade. Inclusive, Heim e Ktrazer (1998) usam essa dinâmica entre existencialidade e força quantificacional para diferenciar determinantes fortes dos determinantes fracos, de modo que, em paráfrase às autoras, "determinantes fortes" são aqueles barrados pelas sentenças existenciais, enquanto que "determinantes fracos" podem aparecer associados a esse tipo de sentença. Assim:

(11) *Havia/Existia/Tinha toda pessoa no escritório.
(12) Havia/Existiam/Tinham poucas pessoas no escritório.
(OLIVEIRA, 2020, p.92)

Todavia, mesmo com uma tendência a serem barrados, os determinantes fortes podem sim ocorrer em sentenças com esses verbos, como já mostrado no exemplo (6).

(13a) *Existiram todos os dinossauros simultaneamente.
(13b) Existiram muitos dinossauros simultaneamente.
(13c) Todos os dinossauros existiram simultaneamente.

Analisando as sentenças construídas, (13a) é agramatical, de modo que o quantificador forte *todos* não é aceito pela estrutura da sentença. Diferentemente de (13a), (13b) é gramatical, pois o quantificador fraco *muitos* é aceito pela estrutura da sentença.

Já em (13c), o sintagma *todos os dinossauros* é deslocado para a posição pré-verbal, o que foi suficiente para tornar a sentença gramatical.

O contraste entre (13a) e (13c) evidencia a hipótese que motivou toda a pesquisa: acredita-se que, para aumentar suas chances de serem aceitos na sintaxe da construção existencial, o determinante e o elemento nominal ao qual está associado se movem para a posição pré-verbal. Acredita-se que essa movimentação acontece para que a asserção da existência desencadeada pelo verbo e a pressuposição de existência desencadeada pelo quantificador forte deixem de incidir sobre o mesmo referente, o que possibilitaria a coexistência entre esses dois fatores, até então, anulatórios.

Além disso, uma outra hipótese está ligada à presença do tempo passado e de adjuntos na construção da sentença, fatores que contribuiriam para a gramaticalidade de construções existenciais com quantificadores fortes, exatamente por auxiliarem na delimitação do referente da asserção, diferenciando-o do referente da pressuposição.

Dito isso, o presente trabalho será dividido em quatro seções de conteúdo e uma seção de referências bibliográficas. A primeira -Introdução- apresentará as premissas básicas do projeto: no que ele consiste, seus objetivos, hipóteses e metodologia. A segunda seção -Referencial teórico- irá apresentar, explicar e desenvolver conceitos linguísticos fundamentais e indispensáveis para o entendimento da pesquisa aqui proposta. O terceiro capítulo– denominado "A relação entre força quantificacional e posição argumental em construções existenciais" - busca mostrar as coletas feitas e as sentenças construídas, a fim de explicitar o objeto de estudo desta pesquisa e de ressaltar comportamentos linguísticos interessantes que foram observados durante a análise. Também será encontrada nessa seção a confirmação da hipótese desta pesquisa sobre o fenômeno observado. O quarto capítulo -Considerações finais- evidencia pensamentos do autor a respeito dos capítulos anteriores, bem como últimos comentários sobre o trabalho, o fenômeno e os resultados. Por fim, a quinta e última parte do trabalho consiste em referências bibliográficas adotadas ao longo da pesquisa.

1.2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O estudo das relações sintático-semânticas estabelecidas entre força quantificacional e verbos existenciais no PB ainda está em construção. Trabalhos

importantes sobre os quantificadores na língua, como Vicente (2006) e Lacerda (2012), abordam esses elementos de forma delimitada, focando prioritariamente em propriedades sintáticas, como a flutuação. Já os trabalhos semânticos, tanto sobre determinantes quanto verbos existenciais, tendem a focar, ou no comportamento e nas propriedades desses itens, pouco associando-os entre si e sem considerar com profundidade a compatibilidade que possuem com as demais partes da sentença, ou em uma perspectiva diacrônica, tal como em Vitório (2013), Vitório (2015) e Bizerra et al. (2011).

Assim, evidencia-se a importância de trabalhos que analisem, por uma perspectiva sintático-semântica, as dinâmicas possibilitadas pela força quantificacional em construções existenciais. Por fim, no que tange à literatura, análises semânticas a respeito de quantificação e de existencialidade são, em sua grande maioria, trabalhos construídos tendo a língua inglesa como base (MCNALLY, 2011; PARTEE, 2011). Em adição a produções recentes, como a de Oliveira (2020), o desenvolvimento de um projeto com foco no PB e suas construções será de grande contribuição para a literatura nacional.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para o estudo e para a compreensão gramatical do PB. Para consolidar o objetivo geral e a justificativa dada, pautou-se nos seguintes objetivos específicos:

- Analisar a literatura sobre o objeto de estudo;
- Construir um conjunto de dados a serem analisados, a partir da coleta de uma lista de verbos existenciais, de uma lista de determinantes/quantificadores, além da elaboração de sentenças que combinem esses dois elementos;
- Comparar a estrutura sintática das sentenças analisadas e relacionar essas ocorrências com os quantificadores fortes e fracos;
- Verificar uma possível relação sistêmica entre a posição do argumento e o tipo de determinante/quantificador que encabeça o sintagma, a fim de comprovar a hipótese levantada.

1.3. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada nesta dissertação tem finalidades teóricas e descritivas para os estudos linguísticos, portanto, o foco central da metodologia são a revisão da

literatura vigente sobre o tema e a análise de dados referentes ao objeto de estudo. O primeiro estágio, portanto, consistiu na busca de bibliografias, por meio de publicações físicas e virtuais, que poderiam contribuir com o aprofundamento em conceitos importantes para a semântica e para a sintaxe.

Em seguida, iniciou-se a fase de coleta de dados. A partir de obras encontradas e consultadas (BIZERRA et al., 2011; OLIVEIRA, 2020), foi adotada uma definição apropriada de "verbos existenciais", que também foram selecionados e agrupados. Os verbos existenciais utilizados na pesquisa são *existir*, *haver*, *ter*, *abundar*. Consecutivamente, foi elaborada uma lista de determinantes/quantificadores fortes e fracos. Os quantificadores selecionados foram recorrentes nos textos lidos (MCNALLY, 1997; HEIM; KRATZER, 1998; FERREIRA, 2019) e, após reunidos, cada quantificador foi submetido a testes linguísticos, para então serem classificados como fortes ou fracos. Os quantificadores fortes utilizados na pesquisa são *todos*, *cada* e *a maioria de* e os determinantes fracos selecionados são *poucos*, *muitos* e numerais.

Os quantificadores selecionados foram utilizados para a criação de sentenças, baseadas na intuição do autor -falante nativo do PB- objetivando analisar a gramaticalidade dessas frases quando submetidas a diferentes posições sintáticas (quantificador e elemento nominal em posição pré-verbal e pós-verbal), diferentes tempos gramaticais (passado, presente e futuro) e a alguns elementos adjuntos (como *há 65 milhões de anos* etc.).

Por fim, após a organização e análise de todos os verbos, quantificadores e sentenças, foram feitas generalizações a partir do comportamento dos elementos sob análise, visando a confirmar ou refutar as hipóteses da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A SEMÂNTICA FORMAL

A Semântica pode ser definida, em termos gerais, como a área da Linguística responsável por exercer "o estudo do significado" (LEWIS, 1970; CHIERCHIA, 2006; CANÇADO, 2015). Mas o que seria "significado"? A resposta para essa pergunta tende a variar de acordo com vertentes teóricas e perspectivas acadêmicas. Nesta dissertação, adotamos a perspectiva de estudo do "significado" como proposta pela Semântica Formal, seguindo especialmente Heim e Kratzer (1998), Portner (2005), Partee (2011) e Ferreira (2019).

A Semântica Formal tem suas origens diretamente ligadas não só à linguística, mas também à lógica e à filosofia. Assim, ferramentas lógico-matemáticas são utilizadas na análise do(s) significado(s) dos elementos de interesse (PARTEE, 2011; PORTNER, 2005). Para essa vertente, como mostram Heim e Kratzer (1998), "significado" é entender em quais condições uma sentença X é verdadeira. É importante enfatizar desde já que o significado de uma sentença não é saber se ela é verdadeira ou falsa, mas ter conhecimento dos critérios e condições que vão permitir que essa sentença alcance o seu valor de verdade.

Logo, em uma frase qualquer, como *O Jorge comprou uma blusa rosa*, o significado da expressão seria uma verdade se suas condições de estabelecimento fossem atendidas, isto é, se em um mundo, um indivíduo Y, chamado Jorge, tenha comprado uma blusa cuja cor seja rosa.

A concepção de significado na Semântica Formal evidencia -e parte de- a premissa de que a língua pode ser entendida como um instrumento intermediário entre o conhecimento do falante e o mundo, de modo que acontecimentos e situações descritas na língua sejam localizadas no mundo. A Semântica Formal, portanto, é referencial: acredita que o significado parte de ligações entre a realidade e a língua (HEIM; KRATZER. 1998).

Todavia, essa "relação realidade-língua" não acontece em termos óbvios: exemplos disso são as palavras *menino* e *algum*. Para a primeira, é totalmente possível pensar na imagem de um "menino". Mesmo que apresente traços variáveis, como cor dos cabelos ou da pele, estatura etc. há um conjunto de características padrão que são

acionadas pelo falante e que permitem a construção de uma referência. O mesmo não ocorre com *algum*: qual seria a referência dessa palavra? *Algum* tem em seu significado a ideia de delimitação, de quantificação; mas essa informação não é suficiente para se construir uma referência do termo no mundo da mesma forma que se faz com a referência de *menino*. Esse assunto será mais bem discutido posteriormente no texto, mas desde já é possível afirmar, portanto, que a referência de um termo quantificacional não deve ser tratada da mesma forma que a referência de um termo nominal.

Um outro conceito chave para a Semântica Formal é "composicionalidade". O conceito se refere à capacidade de se criar inúmeras sentenças com a combinação de itens menores (PARTEE, 2011). Nas palavras de Cann (1993, p.3), "uma teoria que deriva o significado de expressões maiores a partir do significado das expressões menores é chamada de composicional"[1]. Para a Semântica Formal, a ideia de composicionalidade é expressa por um princípio de Frege (1923, citado por HEIM; KRATZER, 1998) - o Princípio da Composicionalidade- que, em paráfrase de Heim e Kratzer (1998), põe que o significado de uma sentença depende -isto é, é uma função- dos significados dos itens que a compõem. Assim, a interpretação de uma sentença ocorreria por meio da interpretação de suas partes, pois não há sentenças prontas armazenadas no cérebro humano. A respeito do complexo e fascinante processo da interpretabilidade da sentença por seus constituintes, Frege (1923, citado por HEIM; KRATZER, 1998, p. 2-3) diz que:

> É surpreendente o que a linguagem alcança. Com poucas sílabas ela expressa inúmeros pensamentos, e até mesmo para um pensamento apreendido por um humano pela primeira vez, ela possibilita uma estrutura que pode ser reconhecida por outro indivíduo a quem ele (o pensamento) é inteiramente novo. Isso não seria possível se nós não pudéssemos distinguir partes no pensamento que correspondem a partes de sentença, de modo que a construção da sentença pode ser tida como um espelho da construção do pensamento… Assim, se nós víssemos pensamentos como composições de simples partes e tomássemos essas partes por simples partes de sentença, nós poderíamos entender como algumas partes de sentença podem ser usadas em grandes

[1] No original: "A theory that derives the meaning of larger expressions from those of smaller ones is said to be compositional." (CANN, 1993, p.3) (tradução nossa)

> quantidades de sentenças, o que, por sua vez, corresponde a uma grande quantidade de pensamentos.[2]

Com o Princípio da Composicionalidade de Frege, a face lógico-matemática da Semântica Formal se torna mais nítida: a sentença é construída por meio de funções, que se completam e se saturam até que o sentido total seja construído. A partir desse pensamento, surgem os conceitos de "predicado" e de "argumento".

"Predicado" (ou "Predicador", como propõe CANÇADO, 2009, caso seja importante distinguir o conceito semântico do conceito de mesmo nome da gramática tradicional) corresponde a expressões insaturadas, ou seja, expressões que precisam de algum item lexical que as preencha e complete seu sentido. Os elementos que irão preencher os predicados são chamados de "argumentos", pois são itens já saturados. Quando os predicados são completos e passam a ser saturados por seus argumentos, também se tornam argumentos. Assim:

(14) [[André] [comprou [biscoitos]]].

· [André] é um argumento.
· [biscoitos] é um argumento.
· [comprou] é um predicado (especificamente um predicado de dois lugares, ou seja, precisa de dois argumentos para ter seu sentido saturado).
· [comprou biscoitos] é um predicado (no caso, um predicado de um lugar. Um argumento foi inserido na primeira posição, mas ainda é preciso um outro argumento para ocupar a posição disponível).
· [André comprou biscoitos] é um argumento.

---

[2] No original: "It is astonishing what language accomplishes. With a few syllables it expresses a countless number of thoughts, and even for a thought grasped for the first time by a human it provides a clothing in which it can be recognized by another to whom it is entirely new. This would not be possible if we could not distinguish parts in the thought that correspond to parts of the sentence, so that the construction of the sentence can be taken to mirror the construction of the thought . . .. If we thus view thoughts as composed of simple parts and take these, in turn, to correspond to simple sentence-parts, we can understand how a few sentence-parts can go to make up a great multitude of sentences to which, in turn, there correspond a great multitude of thoughts." (FREGE, 1923, citado por HEIM; KRATZER, 1998, p.2-3) (tradução nossa)

As dicotomias entre saturação/insaturação e predicados/argumentos são o passo inicial para um conceito que materializa a face lógico-matemática da semântica formal: "função". Esse termo pode ser compreendido como um dispositivo de mapeamento da língua, isto é, um mecanismo que realiza uma operação que toma um argumento e que retorna um valor (FERREIRA, 2019). Em uma função matemática como f(X) = X + 2, se o argumento tomado for o número 2, o valor retornado será 4, uma vez que f(2) = 2 + 2 = 4; se o argumento tomado for 10, o valor retornado será 12, uma vez que f(10) = 10 + 2 = 12, e assim por diante.

Repare que X corresponde ao argumento que é dado à função para que ela tenha condição de devolver um resultado, ou seja, X é um argumento, e a função um predicado que precisa ser saturado. X representa, portanto, o domínio da função: o conjunto de elementos que servem como argumento para a função. O conjunto que mapeia os elementos que serão retornados com a inserção dos argumentos do domínio chama-se contradomínio. Assim, para os exemplos matemáticos mencionados anteriormente, os elementos do domínio são 2 e 10, e 4 e 12 são os elementos do contradomínio, obtidos a partir da aplicação do domínio à função.

Focando agora em um contexto mais linguístico e menos matemático, é possível pensar nos seguintes exemplos:

· Escreveu uma dissertação de mestrado sobre quantificação e verbos existenciais (Emerson) = 1
· Escreveu uma dissertação de mestrado sobre quantificação e verbos existenciais (Rihanna) = 0

1 e 0 são valores de verdade – a referência das sentenças. Quando uma função retorna 1 como resultado, é uma representação de que a frase é verdadeira. Por outro lado, uma função que retorna 0 como resultado se trata de uma falsidade. Ao inserir o argumento *Emerson* na função *Escreveu uma dissertação de mestrado sobre quantificação e verbos existenciais*, o resultado retornado pelo contradomínio é 1, uma vez que se trata de uma verdade. O mesmo não acontece com o argumento *Rihanna*: o resultado retornado pelo contradomínio é zero, uma vez que a função não representa uma verdade, e sim uma falsidade.

Um outro conceito importante que complementa a ideia de funções é "tipo". Também chamados de *types*, os tipos são formas reduzidas de se descrever o inventário de denotações, ou seja, de referências. As letras "e" e "t" representam os tipos básicos: "e" para indivíduos e "t" para valores de verdade. Quando "e" e "t" são ordenadas em pares, passam a representar funções (HEIM; KRATER, 1998). Observe:

· *João* - a referência de *João* é um indivíduo no mundo, logo, é uma expressão do tipo *e*.

· *Morrer* - o verbo *morrer* tem como referência uma função que toma um indivíduo X e que irá retornar um valor de verdade 1 se X tiver morrido. A representação da denotação por tipo desse verbo intransitivo é <*e,t*>, pois representa uma função que, para alcançar o valor de verdade *t*, toma um indivíduo como argumento.

· *Amar* - o verbo *amar* tem como referência uma função que toma um indivíduo X que ama o indivíduo Y e que irá retornar um valor de verdade 1 se X amar Y. A representação da denotação por tipo desse verbo transitivo é e <*e,t*>, pois representa uma função que, para alcançar o valor de verdade *t*, toma dois indivíduos como argumentos.

Importante ressaltar que os indivíduos não são acessados pela função ao mesmo tempo, já que, em conformidade pelo princípio da composicionalidade, os argumentos são acessados por etapas, até toda a função ser saturada (CANN, 1993; HEIM; KRATZER, 1998; FERREIRA, 2019).

2.2. O TRATAMENTO DE EXPRESSÕES QUANTIFICADORAS

A respeito da quantificação, Chierchia e McConnel-Ginet (1996, citado por PIRES, 2012, p. 168) dizem que "São as expressões quantificadas que introduzem na língua o poder para expressar generalizações, isto é, o poder para ir além da conversa sobre propriedades de indivíduos nomeados para dizer que quantidade de indivíduos num dado domínio tem uma dada propriedade"[3]. Assim, as chamadas expressões

[3] No original: "It is quantificational expressions that introduce the power to express generalizations into language, that is, the power to move beyond talk about properties of names individuals to say what quantify of the individuals in a given domain have a given property." (CHIERCHIA; MCCONNEL-GINET, 1996, citado em PIRES, 2012, p. 168) (tradução de PIRES, 2012, p. 168)

quantificadoras permitem não só falar de um indivíduo específico, mas sim, falar de um conjunto ou de parcelas de um conjunto, atribuindo propriedades há mais de um indivíduo. Pires (2012) compreende "expressões quantificadoras" como a união de um quantificador e de um elemento nominal.

Ao assumir que os quantificadores se unem a elementos nominais para estabelecer propriedades a certas quantidades de indivíduos, poder-se-ia também assumir ou inferir que esses elementos são expressões referenciais -isto é, expressões cujas referências se encontram dentro de um conjunto de indivíduos. Vale salientar, contudo, que esse pensamento não é sustentável, uma vez que os quantificadores apresentam um comportamento e uma dinâmica diferentes das expressões referenciais, como exemplificado anteriormente com *algum*[4]. Para provar essa diferenciação, há as seguintes sentenças e argumentos (FERREIRA, 2019, p.120, p.121):

(15a) Não é verdade que Maria esteja namorando João, mas ela está namorando Pedro.

(15b) Não é verdade que Maria esteja namorando alguém, mas ela está namorando Pedro.

(16a) João cantou e João dançou. Logo, João cantou e dançou.

(16b) Alguém cantou e alguém dançou. Logo, alguém cantou e dançou.

Ao analisar as sentenças acima, fica claro que o comportamento de *João*, um elemento nominal cuja referência pode ser encontrada em um conjunto de indivíduos, muito se difere de *alguém*. Nota-se que, em (15a), a sentença não é contraditória, uma vez que o fato de a Maria não namorar João é compatível com o fato de ela namorar Pedro. Todavia, o oposto acontece com *alguém*: se Maria não namora alguém, mas namora Pedro, há incoerência na sentença. A primeira parte da sentença (15b) indica que não há indivíduos que namorem Maria, o que gera contradição em relação à segunda parte.

Já em (16a), como explicitado por Ferreira (2019, p.122), se João exerceu o ato de cantar e o ato de dançar, é possível inferir que João cantou e dançou. Essa inferência é

[4] Pires (2012) evidencia a diferença no PB entre *alguém, algo* e *algum. Alguém* é utilizado para indicar *pelo menos uma pessoa. J*á o domínio de *algo* é composto por objetos. *Algum,* por sua vez, não possui delimitação específica em seu domínio, daí a necessidade de ser acompanhado por um elemento nominal.

licenciada por João ser o único indivíduo a realizar as ações citadas, mas o mesmo não acontece em (16b): se alguém cantou e alguém dançou, não há indícios de que esse alguém possa ser entendido como uma mesma pessoa, o que não torna a inferência *Alguém cantou e dançou* válida. Em um contexto em que Maria tenha cantado e João tenha dançado, pode não haver indivíduos que tenham realizado as duas ações. Essa conclusão é possível porque, como as sentenças são equivalentes, caso os elementos quantificadores e os elementos nominais tivessem a mesma referência, as condições de verdade das frases também seriam equivalentes.

Com isso, Ferreira (2019) deixa evidente a incapacidade de se agrupar expressões quantificadoras junto a elementos nominais. A discussão e exemplificação a respeito da referência de expressões quantificadores parte de *alguém* porque, segundo Pires (2012), foi com esse termo que Frege se questionou a respeito da diferença entre referência de um elemento nominal e de um elemento quantificador. Pires (2012) também acrescenta que *alguém* é um elemento semântico complexo, pois comporta um quantificador, com a interpretação de "pelo menos um", e também delimita sobre qual conjunto a quantificação irá acontecer -no caso, incidirá no conjunto cujos indivíduos possuam a característica de "ser pessoa".

Pires (2012) ainda ressalta que essa mesma lógica pode ser atribuída a outros operadores de quantificação, como *todos*, *dois*, *algum*, *muitos* etc. A autora completa ainda ao dizer que "operadores como 'todos', 'um', 'algum', 'dois', etc. são quantificadores, porque indicam quantos indivíduos de um certo tipo têm tal ou tal propriedade, no caso de um predicado monoargumental, ou estabelecem tal ou tal relação com algum outro indivíduo, no caso de predicados de dois lugares" (PIRES, 2012, p. 169).

Essas percepções servem como ponto motivador para que esta dissertação entenda as expressões quantificadoras como elementos sintático-semânticos aptos a interferir na construção/organização da sentença.

2.3. QUANTIFICADORES UNIVERSAIS E QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS

Como dito anteriormente, e parafraseando Pires (2012), quantificadores são os elementos responsáveis por delimitar a quantidade de indivíduos de um conjunto que compartilham determinada propriedade. Esse grupo de elementos, todavia, diferencia-se a partir do escopo de ação sobre o conjunto que o quantificador apresenta, uma vez que cada quantificador pode delimitar um recorte diferente em seu domínio.

Os quantificadores universais são aqueles em que o escopo de atuação do quantificador envolve todos os elementos do domínio (PIRES, 2012). Um exemplo para essa categoria é o quantificador *todos*, que, em uma frase como *todos os homens são imaturos*, o quantificador indica que todos os elementos do domínio *homem* compartilham a propriedade de serem imaturos. Esse entendimento permite pensar que, para todo X (elemento do domínio), se X for um homem, X será imaturo, de modo que a sentença só será verdadeira se todos os elementos do conjunto de homens forem imaturos (PIRES, 2012).

Um outro quantificador universal seria o *cada*. Este, porém, apresenta um comportamento diferente de *todos*: propriedades distributivas (BROOKS, 1996). Em uma frase como *Cada flor está em um vaso*, o quantificador *cad*a incide sobre todas as flores do conjunto, mas essa incidência é individualizada, distributiva, de modo que todas as flores tenham seu vaso, mas não necessariamente compartilhem o mesmo vaso (BROOKS, 1996). Importante ressaltar que essa interpretação distributiva não faz com que o quantificador deixe de ser universal, pois a paráfrase de Pires (2012) se mantém: para todo X (elemento do domínio), se X for uma flor, X estará em um vaso. Assim, pode-se dizer que quantificadores universais "indicam que todos os membros de um determinado conjunto têm uma certa propriedade ou estabelecem uma certa relação" (PIRES, 2012, p. 171).

Em contraposição aos quantificadores universais, há os quantificadores existenciais. São eles que indicam que pelo menos um indivíduo de um certo conjunto tem uma determinada propriedade ou estabelece uma determinada relação com algum outro indivíduo (PIRES, 2012). Um exemplo para essa categoria é o *alguém*, mencionado anteriormente. Uma frase como *Alguém morreu*, pode ser interpretada como "existe pelo menos um X (elemento do domínio) tal qual X é pessoa e X morreu".

A checagem dos quantificadores existenciais não se dá da mesma forma que a checagem dos quantificadores universais: no caso dos universais, é necessário checar

todos os elementos do conjunto para que seja possível conferir se realmente compartilham uma propriedade ou relação. Já nos existenciais, basta apenas que exista um elemento dentro do conjunto para que a relação do quantificador e do domínio seja estabelecida.

2.4. DETERMINANTES QUANTIFICADORES

Os determinantes quantificadores - do inglês *quantifying determiners*- são os elementos determinantes que carregam consigo a ideia de quantificação. São exemplos: *some*, *every* e *no* (HEIM; KRATZER, 1998, p. 145). Esses três determinantes seriam, para as autoras, a base para estabelecer três relações: *every* estabeleceria relação de inclusão; *no* de disjunção e *some* de não-disjunção, isto é:

(17) *Every* animal drinks water.
'*Todo* animal bebe água.'
(18) *No* animal drinks water.
'*Nenhum* animal bebe água.'
(19) *Some* animals drink water.
'*Alguns* animais bebem água.'

Em (17), o determinante quantificador destacado estabelece uma relação de inclusão entre os elementos do conjunto, isto é, para que (17) chegue a um valor de verdade 1 (verdadeiro), todos os elementos do conjunto animais precisam beber água. O oposto acontece em (18), em que o determinante quantificador destacado é disjuntivo, ou seja, ressalta que, para que (18) chegue a um valor de verdade 1 (verdadeiro) não pode haver membros do conjunto de animais que bebam água. Por fim, o determinante quantificador em (19) é não disjuntivo, isto é, para que (19) chegue a um valor de verdade 1 (verdadeiro), é preciso que apenas uma parte dos animais beba água.

A respeito dos determinantes quantificadores, Ferreira (2019) menciona que há semelhança entre esses elementos e verbos transitivos:

> Enquanto a extensão de um verbo transitivo mapeia dois indivíduos (tipo □) em um valor de verdade, a de um determinante mapeia duas funções (tipo ⟨ □, □⟩) em um valor de verdade. Assim como as extensões dos verbos transitivos

> podem ser vistas como relações entre indivíduos, as dos determinantes podem ser vistas como relações entre funções. (FERREIRA, 2019, p. 126)

Ferreira (2019) também postula a diferença entre *alguém* e *algum*, *ninguém* e *nenhum* e *todo mundo* e *todo X*[5]: apenas *algum*, *nenhum* e *todo X* são determinantes quantificadores, pois são expressões que ocupam a posição de determinante e que precisam de um elemento nominal para incidir sobre (*algum menino*, *nenhum menino*, *todo menino*…). Já *alguém*, *ninguém* e *todo mundo* possuem o elemento nominal acoplado em sua composição semântica, o que os difere dos determinantes quantificadores. São, portanto, chamados de *quantificadores generalizados*, mas estes não são o foco deste trabalho, tendo em vista que todos os quantificadores analisados aqui (*todos*, *a maioria de*, *cada*, *poucos*, *muitos* e os numerais) são determinantes quantificadores.

2.5. FORÇA QUANTIFICACIONAL

A respeito da força dos quantificadores, Heim e Kratzer (1998) discorrem que:

> Determinantes fortes evocam julgamentos que estão em conformidade com a análise pressuposicional, enquanto determinantes fracos dão margem a julgamentos mistos, que só às vezes estão em conformidade com a análise pressuposicional ou com a análise padrão. A saliência da interpretação padrão (não pressuposicional) é conhecida por ser afetada por fatores pragmáticos e gramaticais, e, em alguns exemplos, é totalmente natural.[6] (HEIM E KRATZER, 1998, p. 171)

Analisando o trecho das autoras, vê-se que quantificadores fortes são aqueles que desencadeiam a pressuposição de existência do elemento nominal que eles determinam. Por sua vez, os quantificadores fracos são aqueles que, de imediato, não apresentariam tal

---

[5] Neste caso, usarei *X* para representar um elemento nominal qualquer, já que todo determinante precisa ser acompanhado por um elemento nominal e qualquer nome poderia ocupar esse lugar: *pássaro*, *computador*, *livro*, *homem* etc. *Todo mundo*, por sua vez, é analisada como uma única expressão quantificadora (FERREIRA, 2019).

[6] No original: "Strong determiners evoke judgments that conform to the presuppositional analysis, whereas weak determiners five rise to mixed judgments that conforms sometimes to the presuppositional and sometimes to the standard analysis. The salience of the standard (nonpresuppositional) interpretation is known to be affected by pragmatic and grammatical factors, and in some examples, it is entirely natural." (HEIM, KRATZER, 1998, p. 171) (tradução nossa)

pressuposição, ou que, em algumas construções, podem evocar julgamentos "mistos" sobre a presença ou ausência dessa implicação. Portanto, em tom de resumo, um quantificador será denominado como forte quando ele for capaz de desencadear a pressuposição de existência do item nominal que se conecta ao determinante. Por outro lado, um quantificador será tido como fraco quando ele não for capaz de desencadear tal pressuposição ou quando o julgamento sobre essa pressuposição for duvidoso.

Como vimos, as próprias autoras Heim e Kratzer (1998) apontam que, sendo o quantificador um determinante forte, a expressão quantificadora em questão será mais dificilmente combinada com um verbo existencial, em comparação a uma expressão que não pressuponha a existência do referente do SN.[7]

A hipótese desta dissertação, como já afirmamos, é que, caso a pressuposição de existência seja de fato uma inferência do quantificador, quando ocorre tal combinação, é preferível que a expressão quantificadora se situe na posição pré-verbal.

2.6. PRESSUPOSIÇÃO E PRESSUPOSIÇÃO DE EXISTÊNCIA

A pressuposição é um tipo de inferência, um tipo de operação que relaciona proposições (FREGE, 1892; FERRAREZI, 2019). Parafraseando Ferrarezi (2019), inferir é uma ação cognitiva realizada para concluir ou induzir a veracidade de uma proposição ou de um conteúdo, tendo como base o conteúdo de outras proposições tidas como verdadeiras, isto é, que retornam um valor de verdade igual a 1. Portanto, como a pressuposição é um tipo de inferência, um enunciado irá pressupor outro quando o conteúdo do segundo for necessário para que o conteúdo do primeiro seja compreendido como verdadeiro ou falso.

Ainda no que tange à pressuposição, é pertinente abordar alguns debates acadêmicos a respeito do conceito. Strawson (1970, citado em FERRAREZI, 2019, p.76), filósofo britânico, formulou que "P pressupõe Q se e somente se Q for verdadeiro como precondição para P poder ser verdadeiro ou falso". A formulação bem representa o fato de que, para que P possa ser verdadeiro ou falso, é estritamente necessário que Q seja verdadeiro, pois, caso Q seja falso, não seria possível ter conhecimentos das condições de verdade de P e, por consequência, do seu valor de verdade.

---

[7] Como é o caso dos exemplos agramaticais mencionados anteriormente.

Ainda conforme Ferrarezi (2019), e em contrapartida a Strawson (1970, citado em FERRAREZI, 2019), há outros teóricos, como Stalnaker (1972, citado em FERRAREZI, 2019, que postulam que uma sentença cujas pressuposições são falsas apresentam uma proposição falsa. Exemplifica-se:

(20) Lúcia não venderá o apartamento.

A sentença (20) permite a pressuposição "Lúcia tem um apartamento". Mas caso Lúcia não tenha um apartamento, na perspectiva de Strawson, (20) corresponderia a uma frase ilógica, absurda, cujo valor de verdade não seria categorizável por partir de uma mentira. Stalnaker, por sua vez, consideraria (20) como mentira, atribuindo a fatores pragmáticos a construção e interpretação da frase.

Atualmente, embora haja peculiaridades nas diferentes formas de se compreender o termo "pressuposição", é possível agrupar o estudo desse conceito em duas grandes abordagens, conforme Saeed (2000, citado por FERRAREZI, 2019). A primeira, de cunho mais tradicional, trata as sentenças de forma independente, priorizando o conteúdo por elas transmitido e não se preocupando com as condições de produção dessas sentenças (embora não necessariamente desconsidere os conhecimentos de mundo do falante). Já a segunda trata sentenças como construções reais de indivíduos em situações comunicativas, objetivando verificar as estratégias adotadas pelos falantes na construção das enunciações e, por consequência, das pressuposições que necessitam. A partir daí, observar-se-ia a veracidade ou a falsidade destas (SAEED, 2000, citado por FERRAREZI, 2019). Este trabalho assume a primeira abordagem.

Ainda sobre pressuposição, para a presente pesquisa, torna-se importante discorrer a respeito de um tipo mais específico deste fenômeno: a pressuposição de existência. Pelos debates tidos até aqui, é possível então postular que a pressuposição de existência acontece quando o conteúdo semântico da sentença pressupõe a existência do referente do item nominal ligado ao determinante, existência essa anterior ao momento de enunciação. Em um paralelo à formulação de Strawson, Q corresponderia à existência do referente do item nominal., isto é:

(21) Todas as questões ruins da prova foram anuladas.

Em (21), para que a proposição P de que todas as questões ruins foram anuladas seja verdadeira ou falsa, é necessário partir do pressuposto que existiam questões ruins, isto é, o conteúdo pressuposto Q -a existência de questões ruins- precisa ser verdadeira para que P possa ser avaliada em verdadeira ou falsa.

Cançado (2015), seguindo Chierchia e McConnell-Ginet (1990), afirma que, para conferir se uma sentença Z apresenta pressuposição, deve-se verificar as demais frases que compõem a família de Z, isto é, Z deve ser afirmada, negada, condicionada e interrogada e todas essas formas devem manter o mesmo conteúdo pressuposto. Esse teste é geral, e serve para todos os tipos de pressuposição. Aplicando-o à pressuposição de existência, deve-se, então, observar se a existência do referente do item nominal é um conteúdo compartilhado por toda a família das frases, o que confirmaria a presença dessa pressuposição.

Esse teste semântico mostrado por Cançado (2015) pode ser relacionado às ideias de Heim e Kratzer (1998). Estas autoras, como posto anteriormente, discorrem que determinantes fortes são aqueles capazes de desencadear a pressuposição de existência do elemento nominal ao qual estão associados, enquanto determinantes fracos são aqueles que, ou não desencadeiam essa pressuposição, ou evocam julgamentos mistos sobre ela. Assim sendo, ao realizar o teste apresentado por Cançado (2015), não se estaria apenas checando se a família linguística da sentença desencadeia a pressuposição, mas também identificando a força do determinante:

- Se a família de uma sentença -formada a partir de um determinante X- pressupõe a existência do elemento nominal que X acompanha, é porque X é um determinante forte.
- Se a família de uma sentença -formada a partir de um determinante X- não pressupõe a existência do elemento nominal que X acompanha ou possibilita julgamentos mistos sobre a existência do elemento nominal que X acompanha, é porque X é um determinante fraco.

Tem-se os seguintes exemplos:

(22) Todos os erros na atividade levaram os alunos a tirar nota baixa.

(22a) Todos os erros na atividade não levaram os alunos a tirar nota baixa.

(22b) Todos os erros na atividade levaram os alunos a tirar nota baixa?

(22c) Se todos os erros na atividade levarem os alunos a tirar nota baixa, eu darei outra avaliação.

(23) Muitos erros na atividade levaram os alunos a tirar nota baixa.

(23a) Muitos erros na atividade não levaram os alunos a tirar nota baixa.

(23b) Muitos erros na atividade levaram os alunos a tirar nota baixa?

(23c) Se muitos erros na atividade levarem os alunos a tirar nota baixa, eu darei outra avaliação.

Observa-se que, ao ler as sentenças (22a), (22b) e (22c), a existência de erros na atividade torna-se uma informação inferida. Por outro lado, em (23a), (23b) e (23c), a existência de erros na atividade pode ser questionada. Mesmo que em (23) possa haver um julgamento misto sobre a existência ou não de erros, em (23b) e (23c) há a chance de que os erros sequer existam, o que mostra que a sentença (23), diferentemente de (22), não pressupõe a existência de erros.

De forma complementar a Cançado (2015), seguindo Chierchia e McConnell-Ginet (1990), Heim e Krazter (1998) propõem o teste do "if you find"/"se você encontrar". Para as autoras, a construção da sentença por meio do "se você encontrar", valendo-se do tempo futuro, possibilita que o falante assuma a existência do item nominal para dos quantificadores fortes, enquanto que os quantificadores fracos permaneceriam neutros a esse respeito (HEIM; KRATZER, 1998). Assim:

(24) Se você encontrar todos os erros na atividade, ganhará nota máxima.

(24a) Se você encontrar todos os erros na atividade, não ganhará uma recompensa. (oração principal negada)

(24b) Se você encontrar todos os erros na atividade, ganhará nota máxima?

(24c) (a sentença base já está no formato condicional)

(25) Se você encontrar muitos erros na atividade, ganhará nota máxima.

(25a) Se você encontrar muitos erros na atividade, não ganhará uma recompensa. (oração principal negada)

(25b) Se você encontrar muitos erros na atividade, ganhará nota máxima?

(25c) (a sentença base já está no formato condicional)

Logo, a partir da explicação de Heim e Kratzer (1998), ao ler as sentenças (24) e (25), o quantificador em (24), *todos*, pressupõe a existência de erros, diferentemente de *muitos*, quantificador de (25). Esse fato se torna ainda mais visível ao, em uma união dos testes de Cançado (2015) e Heim e Kratzer (1998), observar que o comportamento de (24) e (25) se mantém em suas respectivas famílias: em (24a) e (24b), a existência de erros na atividade torna-se uma informação inferida. Por outro lado, em (25a) e (25b) a existência de erros na atividade pode ser facilmente questionada: é possível que os erros não tenham sido encontrados por não haver erros na atividade.

Assim, por desencadear a pressuposição de existência em todas as sentenças, a expressão *todos os* é um determinante forte. Já *muitos*, por não desencadear a pressuposição de existência, é um determinante fraco.

Uma discussão interessante a respeito da pressuposição de existência é como ela se relaciona às percepções do falante/emissor da sentença. Observe o seguinte contexto:

Equivocadamente, um professor de português confunde o significado de "hiato" e "ditongo" e passa a acreditar que os hiatos são encontros de duas vogais em uma mesma sílaba. O professor, então, cria uma atividade cheia de ditongos, mas diz para os seus alunos a seguinte frase: "se vocês encontrarem todos os hiatos na atividade, irão ganhar cinco pontos".

Observe que, de fato, a existência de hiatos na atividade pode ser questionada, uma vez que, gramaticalmente falando, haverá ditongos, não hiatos. Todavia, a sentença dita pelo professor ainda irá pressupor a existência de hiatos, uma vez que, na percepção do profissional, há hiatos na atividade. Assim, é possível notar que, como mencionado por Cançado (2015) e por precursores desse tipo de estudo, tal qual Stalnaker, a pressuposição não precisa ser concebida apenas como uma noção semântica, mas sim

semântico-pragmática, pois a pressuposição também parte do que o emissor da sentença toma como verdade.

2.7. VERBOS EXISTENCIAIS E SENTENÇAS EXISTENCIAIS

Na literatura acadêmica, é comum encontrar discussões a respeito dos verbos existenciais que giram em torno de construções com *haver* e *ter* (AVELAR; CALLOU, 2000; BIZERRA et al., 2011; SIQUEIRA, 2012). Inclusive, o uso desses verbos, bem como a aceitabilidade de frases existenciais com *ter*, são fatores que diferenciam o PB do português lusitano (AVELAR; CALLOU, 2000). A respeito desse grupo de verbos, Siqueira (2012), citando Silva (1996), faz a seguinte colocação:

> As construções existenciais, também chamadas impessoais, caracterizam-se sintaticamente por não selecionarem sujeito. Essas construções descrevem a existência de um objeto ou de um ser animado em algum espaço físico. Como definição para os verbos existenciais Silva (1996) pontua, "(...) o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial"." (SIQUEIRA, 2012, p.1)

A definição acima, portanto, ressalta a impessoalidade dos verbos existenciais, bem como a relação que eles estabelecem com sintagmas nominais em posição de complemento e um sintagma preposicional com função locativa. Essa conceituação sintática pode ser completada por uma análise diacrônica feita por Bizerra et al. (2011), na qual os autores discorrem bastante sobre a consolidação do *haver* e do *ter* como os representantes da categoria "existencial" dos verbos: gradualmente, o verbo impessoal *haver* (com sentido de *existir*) -prescrito pela norma padrão como forma "correta" para construções existenciais- cede espaço para o verbo *ter* - cujo uso, dito "informal", logo se expande e permite que o verbo apareça nas mais diversas situações comunicativas. Dessa forma, em contextos mais comunicativos informais, é possível proferir a sentença *Tem um presente debaixo da árvore*, diferentemente de *Há um presente debaixo da árvore*, frase que só apareceria em uma situação comunicativa mais formal.

Todavia, para a presente pesquisa, a definição de "verbos existenciais" é mais semântica que sintática: são verbos estativos, que trazem, em seus componentes semânticos, a ideia de existência ou inexistência (OLIVEIRA, 2020); são verbos que assertam a existência de uma entidade. São eles: *haver*, *ter* (sentido existencial), já mostrados acima, e ainda *existir* e *abundar*.

É importante ressaltar que, diferentemente de um possível senso comum sobre verbos existenciais, introduzir um referente (seja ele novo ou não) não é uma função que apenas os verbos existenciais estão aptos a executar e, portanto, não é uma propriedade classificatória e/ou distintiva dessa classe de verbos (VIOTTI, 2002). Logo, para este trabalho, definir "verbo existencial" como "aquele que introduz entidades no discurso" seria inapropriado. Viotti (2002) menciona que a capacidade de introduzir entidades no discurso é algo que qualquer sentença pode fazer. Em um contexto comunicativo em que a constatação *Eu vi um homem atravessando a rua* é proferida, há sim a inserção de um novo referente.

É claro para a autora que *Eu vi um homem atravessando a rua* não tem como finalidade principal inserir uma nova entidade no discurso, desempenhando funções de maior relevância, tais como relacionar a ação expressa pelo verbo *ver* com o objeto *um homem* e, posteriormente, de forma composicional, relacionar o objeto direto visto pelo sujeito a uma ação secundária, expressa pelo gerúndio. Todavia, a introdução de um novo referente no discurso ainda acontece, mesmo que em segundo plano.

Ampliando, então, a discussão sobre a função semântico-pragmática das sentenças existenciais[8], Viotti (2002) menciona que:

> Sentenças existenciais convidam o ouvinte para tomar, como parte do universo de intepretação, algum elemento ou estado das coisas que não tenha sido considerado antes, ou para enfatizar algum referente de discurso já mencionado, de maneira a fazê-lo dominar o discurso subsequente. (...) Em outras palavras, sentenças existenciais trazem uma instrução sobre o que o ouvinte deve levar em consideração no processo de interpretação da sentença, e sobre como fazer essa interpretação. (VIOTTI, 2002, p. 137)

[8] Relembrando que, para este trabalho, sentenças existenciais ou construções existenciais são apenas sentenças e frases que apresentam um verbo existencial (*existir*, *haver*, *ter*, *abundar*).

Por fim, Viotti (2002), citando Reuland (1987), conclui da seguinte forma:

> Reuland (1987) sugere que as sentenças existenciais requerem condições diferentes para a avaliação de seu valor de verdade. Assim, para se computar o valor de verdade de uma sentença declarativa como (i) "algumas estrelas são amarelas" deve-se acessar o conjunto de estrelas e determinar se alguma delas têm a propriedade de serem amarelas. Por outro lado, uma sentença existencial como (ii) "Olha, há/tem uma estrela ali que é amarela" não pode ter seu valor de verdade em relação a um modelo de interpretação que estava em vigor antes da sentença ser enunciada. O que a enunciação de (ii) faz é fornecer uma instrução para o ouvinte para que ele substitua o velho modelo de interpretação, em que, presumivelmente não havia estrelas, por um novo modelo, em que há uma estrela, que tem a propriedade de ser amarela. Embora, à primeira vista, a explicação oferecida por Reuland pareça capturar a mesma ideia que estou sugerindo como função das sentenças existenciais, a meu ver, uma explicação sobre as sentenças existenciais em termos de condições de verdade parece muito constrangedora, no sentido de que ela não leva em consideração a relação entre a estrutura da informação e a forma sintática da sentença. (VIOTTI, 2002, p. 136, 137)

Logo, as sentenças existenciais (como o exemplo dado por VIOTTI, 2002) estabelecem uma relação diferente com os valores de verdade, que vai além da mera checagem no mundo: a substituição de um velho modelo de interpretação por um novo modelo, com novos elementos e/ou propriedades.

Ainda a respeito das sentenças existenciais, McNally (2011) diz que "o termo 'sentença existencial' é usado para se referir a uma construção específica ou não canônica, que expressa a proposição sobre a existência ou presença de algo ou alguém" (MCNALLY, 2011, p.1830)[9] . A respeito dessa definição, mostra-se que, para a autora, sentenças existenciais não necessariamente correspondem àquelas que contém verbos existenciais: há restrições sintáticas que precisam ser satisfeitas. Embora a presente pesquisa não adote essa definição em seu referencial teórico, ela serve para evidenciar algo que Viotti (2011) também ressalta em sua obra: as sentenças existenciais tendem a ser marcadas. É o caso de *tinha uma mulher no hospital*, por exemplo, em que a marcação

[9] No original: "The term 'existential sentence' is used to refer to a specialized or non-canonical construction which expresses a proposition about the existence or the presence of someone or something" (MCNALLY, 2011, p.1830) (tradução nossa)

acontece por meio do esvaziamento da posição de sujeito (ou pela inserção de um expletivo, sem valor semântico, nessa posição).

Assim, é importante evidenciar que, embora haja contextos em que sentenças não existenciais possam apresentar um formato "não canônico", é possível associar essa propriedade a sentenças existenciais. Um outro caso que exemplifica essa discussão é o seguinte:

(26) There is one even prime number.
'Há um número primo par.'
(27) One even prime number exists.
'Um número primo par existe.'
(MCNALLY, 2011, p. 1830)

Tanto (26) quanto (27) assertam a existência de algo. Porém, (26) e (27) são exemplos dados por McNally (2011) para mostrar que, diferentemente de (26), (27) não seria uma sentença existencial no inglês por seguir a ordem canônica de "sujeito-predicado". Para a autora, as sentenças não teriam nada de específico em sua sintaxe que justificasse essa nomenclatura. A esse respeito, vale destacar que a inserção de um quantificador forte não seria possível em (26), -**There is all even prime numbers*-, diferentemente de (27), que, para a autora, não seria uma sentença existencial e aceita o quantificador forte: *All even prime numbers exists*. Esse comportamento nos permite reforçar o quão restrita é a relação entre quantificadores fortes e sentenças existenciais.

Como já dito anteriormente, a definição de sentenças existenciais proposta por McNally (2011) não foi adotada nesta pesquisa, porém, como mostraremos no Capítulo 3, *ter* e *haver* se comportam de forma distinta de *existir* e *abundar* em relação à possibilidade de combinação com argumentos que contêm determinantes fortes. Inclusive, considerando a definição de verbos existenciais -e consequentemente, de sentenças existenciais- adotadas aqui, (27)[10] seria sim considerada uma sentença existencial. Todavia, um outro ponto interessante na abordagem de McNally (2011) é que (27) é uma frase com mais chances de ser tida como "estranha" por um falante, em termos

[10] Para essa afirmação, foi considerada a sentença (27) em PB, não em inglês.

de intuição e aceitabilidade linguística, já que aparentemente faltam elementos em (27) para que ela seja uma frase gramatical.

Além disso, é possível até pensar que, em uma análise sintático-discursiva das sentenças, em (26), o que é evidenciado primeiramente é a existência do número, enquanto em (27), o número é evidenciado antes de sua existência ser afirmada.

Nesta dissertação, termos como “construção existencial” ou “sentença existencial” são nomenclaturas que farão referência às sentenças que apresentam os verbos existenciais de interesse na análise, de forma abrangente, sem maiores aprofundamentos em questões sintáticas.

3. A RELAÇÃO ENTRE FORÇA QUANTIFICACIONAL E POSIÇÃO ARGUMENTAL EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS

A pesquisa aqui desenvolvida, como mencionado na seção 1.3- Metodologia, passou por duas fases iniciais de coleta: na primeira, foi feita a busca de verbos que atendam à categoria "verbos existenciais"; na segunda, houve a coleta de determinantes para análise da força quantificacional desses itens. Os resultados dessa etapa estão dispostos nos Quadros 1 e 2, a seguir:

Quadro 1- Verbos existenciais coletados

VERBO EXISTENCIAL:	EXEMPLO:	ASSERÇÃO:
Existir	*Existem flores no jardim.*	Asserta a existência de flores.
Haver	*Há flores no jardim.*	Asserta a existência de flores.
Ter	*Tem flores no jardim.*	Asserta a existência de flores.
Abundar	*Abundam flores no jardim.*	Asserta a existência de flores em grande quantidade.

Elaboração do autor, 2023.

Quadro 2- Quantificadores coletados, exemplos criados e força quantificacional associada a cada determinante/quantificador

DETERMINANTE/ QUANTIFICADOR:	TESTE DE FORÇA:	FORÇA QUANTIFICACIONAL:
Todos	*·Se eu encontrar todos os erros na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar todos os erros na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar todos os erros na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Forte (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER, 1998, evidencia a pressuposição de existência de erros.)
Cada	*·Se eu encontrar cada erro na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar cada erro na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar cada erro na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Forte (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER, 1998, evidencia a pressuposição de existência de erros.)

A maioria de	*·Se eu encontrar a maioria dos erros na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar a maioria dos erros na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar a maioria dos erros na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Forte (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER, 1998, evidencia a pressuposição de existência de erros.)
Numerais (*um*, *dois*, *três*...)	*·Se eu encontrar um erro/ dois erros na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar um erro/ dois erros na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar um erro/ dois erros na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Fraco (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER 1998, evidencia que não há a pressuposição de existência de erros.)
Poucos	*·Se eu encontrar poucos erros na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar poucos erros na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar poucos erros na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Fraco (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER 1998, evidencia que não há a pressuposição de existência de erros.)
Muitos	*·Se eu encontrar muitos erros na prova, irei tirar uma nota alta.* *·Se eu encontrar muitos erros na prova, irei tirar uma nota alta?* *·Se eu encontrar muitos erros na prova, não irei tirar uma nota alta.*	Fraco (A aplicação do teste, com base em CANÇADO, 2015 e HEIM; KRATZER 1998, evidencia que não há a pressuposição de existência de erros.)

Fonte: Elaboração do autor, 2023.

A respeito do Quadro 1, é importante ressaltar que, como mostrado, todos os verbos coletados assertam a existência de algo, com exceção do verbo *abundar*, que além de assertar a existência do item ao qual o elemento nominal se refere, também indica que essa existência acontece em termos de grande quantidade. Uma sentença como *Abundam poucas flores no jardim* é um exemplo para ressaltar uma dinâmica interessante entre o

quantificador *poucos* e verbo existencial *abundar*: a frase é contraditória quando se tenta interpretá-la em termos de unidades, já que se há uma abundância de flores, não seria possível que no jardim existam poucas flores. Todavia, a frase pode ser interpretada como *Abundam poucas [espécies de] flores no jardim*, isto é, há abundância de flores no jardim, mas estas não são variadas em termos de espécie.

Se o quantificador *poucos* for trocado pelo seu complementar *muitos*, em uma construção como *Abundam muitas flores no jardim*, em termos de unidades, a sentença fica repetitiva, beirando o pleonasmo, já que a informação de grande quantidade aparece duas vezes: no sentido do quantificador e no sentido do verbo. Em um contexto mais pragmático, porém, a expressão duplicada dessa informação quantitativa pode ter função de ênfase, ajudando o falante a transmitir a ideia de que de fato há uma quantidade elevada de flores no jardim. A sentença também pode ser interpretada como *Abundam muitas [espécies de] flores no jardim*, indicando que há uma grande variedade de espécies dentre o elevado número de flores do jardim.

No que tange ao Quadro 2, nele estão contidos os determinantes selecionados para a pesquisa e experimentação. Os determinantes foram divididos em "fortes" e "fracos", dependendo da relação que estabelecem com a pressuposição de existência nas sentenças construídas para o teste. Os determinantes definidos como fortes foram: *todos*, *cada*, *a maioria de*. Por sua vez, os determinantes categorizados como fracos foram: *poucos*, *muitos* e os numerais.

A partir dos dados apresentados nos Quadros 1 e 2, passamos à análise da relação entre a força quantificacional (Quadro 2) e a posição dos argumentos dos verbos existenciais (Quadro 1).

Os quadros montados a seguir, todos elaborados pelo autor, foram formulados para ajudar na percepção:

- De quais verbos existenciais permitem o deslocamento do quantificador e do elemento nominal para a posição pré-verbal;
- De quais tempos verbais estão se relacionando melhor com quantificadores fortes;
- Da influência que os adjuntos exercem na aceitabilidade das sentenças existenciais com determinantes fortes.

A análise prosseguirá, portanto, a partir das correlações entre tais quantificadores e os verbos selecionados. A seguir, iniciamos a inquirição com o verbo *existir*. Antes, porém, é importante evidenciar as seguintes simbologias:

Quadro 3 - Simbologia

Símbolo:	Definição:
*	Evidencia a agramaticalidade da sentença; sentenças de grande estranhamento à intuição do falante.
?	Evidencia conflito na percepção da sentença: sentenças que causaram julgamentos mistos à intuição do falante ou que precisam de um contexto específico para serem bem aceitas.
	(A ausência de símbolos) evidencia sentenças gramaticais: sentenças facilmente aceitas pela intuição do falante.

Quadro 4 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *existir*

Verbo *existir*							
QUANTIFICADOR		Posição Pré-verbal + pass	Posição Pré-verbal + pres	Posição Pré-verbal + fut	Posição pós-verbal + pass	Posição pós-verbal + pres	Posição pós-verbal + fut
Forte	*Todos*	*Todos os dinossauros existiram há 65 milhões de anos.*	**Todos os homens existem em 2022.*	*?Todos os robôs existirão daqui a 500 anos.*	**Existiram todos os dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Existem todos os homens em 2022.*	**Existirão todos os robôs daqui a 500 anos.*
	Cada	*Cada dinossauro existiu em sua respectiva era.*	*?Cada homem existe em sua respectiva era.*	*Cada robô existirá em sua respectiva era.*	**Existiu cada dinossauro em sua respectiva era.*	**Existe cada homem em sua respectiva era.*	**Existirá cada robô em sua respectiva era.*
	A maioria de	*A maioria dos dinossauros existiram há 65 milhões de anos.*	**A maioria dos homens existem em 2022.*	*A maioria dos robôs existirá daqui a 100 anos.*	*Existiu a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.	*Existe a maioria dos homens em 2022.	*Existirão a maioria dos robôs daqui a 100 anos.
Fraco	*Poucos/ Muitos*	*Poucos/muitos dinossauros existiram há 650 milhões de anos.*	*?Poucos/muitos homens existem em 2022.*	*Poucos/Muitos robôs existirão daqui há 500 anos.*	*Existiram poucos/muitos dinossauros há 65 milhões de anos.*	*Existem poucos/muitos homens em 2022.*	*Existirão poucos/muitos robôs daqui a 500 anos.*
	Numerais	*Dois dinossauros existiram há 650 milhões de anos.*	*Dois homens existem em 2022.*	*Dois robôs existirão daqui a 10 anos.*	*?Existiram dois dinossauros há 650 milhões de anos.*	*Existem dois homens em 2022.*	*Existirão dois robôs daqui a 10 anos.*

O Quadro 4 refere-se ao verbo existencial *existir* e mostra, como a legenda indica, as diferentes relações entre a posição sintática do quantificador e a aceitabilidade da sentença.

A respeito do Quadro 4, o primeiro ponto a se mencionar é que todos os quantificadores fortes foram aceitos na posição pré-verbal das sentenças quando associados ao tempo passado. Já com o tempo presente, os quantificadores fortes apresentaram maior dificuldade em ocupar a posição pré-verbal. O tempo futuro, por sua vez, também teve uma boa aceitabilidade da movimentação da expressão quantificadora. Já em relação aos quantificadores fortes na posição pós-verbal, em todos os tempos verbais, as expressões quantificadoras não foram aceitas depois do verbo existencial. Esse comportamento está alinhado ao previsto pela hipótese deste trabalho: quantificadores fortes acontecerão majoritariamente em posição pré-verbal quando presentes em sentenças existenciais. As sentenças em que as expressões quantificadoras não foram aceitas em posição pré-verbal também não aceitaram essas expressões em posição pós-verbal.

Por outro lado, os quantificadores fracos, de modo geral, foram bem aceitos pelas sentenças, tanto em posição pré-verbal quanto em posição pós-verbal, como previa a hipótese. Não foram identificadas sentenças agramaticais e poucas foram tidas como situacionais.[11]

Um ponto a ser mencionado é que tanto as sentenças gramaticais quanto as sentenças definidas como situacionais são e podem ser melhoradas pela presença de adjuntos. *Em Todos os robôs existirão daqui a 500 anos*, construção associada ao símbolo *?*, novos adjuntos podem ser adicionados, como em *Todos os robôs dos filmes existirão daqui a 500 anos*, o que melhora significativamente a sentença. Por sua vez, um exemplo agramatical, como em Todos os homens existem em 2022, pode se tornar gramatical com a inserção de adjuntos: *Todos os homens indígenas da tribo Avá-canoeiro existem em reservas*. A partir daí, já se nota a influência de adjuntos no fenômeno estudado.

[11] O termo situacionais refere-se apenas às sentenças que receberam o símbolo *?*, como indica o Quadro 3.

Quadro 5 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *abundar*

Verbo *abundar*							
QUANTIFICADOR		Posição Pré-verbal + pass	Posição Pré-verbal + pres	Posição Pré-verbal + fut	Posição pós-verbal + pass	Posição pós-verbal + pres	Posição pós-verbal + fut
Forte	*Todos*	*?Todos os dinossauros abundaram há 65 milhões de anos.*	**Todos os homens abundam em 2022.*	*?Todos os robôs abundarão daqui a 500 anos.*	**Abundaram todos os dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Abundam todos os homens em 2022.*	**Abundarão todos os robôs daqui a 500 anos.*
	Cada	*?Cada dinossauro abundou em sua respectiva era.*	**Cada homem abunda em sua respectiva era.*	*?Cada robô abundará em sua respectiva era.*	**Abundou cada dinossauro em sua respectiva era.*	**Abunda cada homem em sua respectiva era.*	**Abundará cada robô em sua respectiva era.*
	A maioria de	*A maioria dos dinossauros abundaram há 65 milhões de anos.*	**A maioria dos homens abundam em 2022.*	*A maioria dos robôs abundará daqui a 100 anos.*	*?Abundou a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Abunda a maioria dos homens em 2022.*	**Abundarão a maioria dos robôs daqui a 100 anos.*
Fraco	*Poucos/ Muitos*	*Poucos/muitos dinossauros abundaram há 650 milhões de anos.*	*?Poucos/muitos homens abundam em 2022.*	*?Poucos/Muitos robôs abundarão daqui há 500 anos.*	*Abundaram poucos/muitos dinossauros há 65 milhões de anos.*	*?Abundam poucos/muitos homens em 2022.*	*Abundarão poucos/muitos robôs daqui a 500 anos.*
	Numerais	*?Dois dinossauros abundaram há 650 milhões de anos.*	**Dois homens abundam em 2022.*	**Dois robôs abundarão daqui a 10 anos.*	*?Abundaram dois dinossauros há 650 milhões de anos.*	*?Abundam dois homens em 2022.*	**Abundarão dois robôs daqui a 10 anos.*

O Quadro 5 refere-se ao verbo existencial *abundar*. Como dito anteriormente, o verbo em questão apresenta duas funções semânticas: assertar a existência de algo e informar que essa existência ocorre em grande quantidade. Logo, há a possibilidade de que algumas sentenças sejam consideradas agramaticais não só pela questão existencial, mas sim pela restrição semântica de o elemento nominal associado poder existir em grande quantidade, sem que essa quantidade seja definida. É o caso do exemplo *Dois dinossauros abundaram há 650 milhões de anos*, em que a existência de *dois* dinossauros é uma quantidade precisa demais para ser utilizada com *abundar*. O mesmo aconteceria com outro numeral. A frase só é gramatical se o falante considerar que não são dois indivíduos, mas sim duas espécies/dois tipos diferentes de dinossauros: *Dois (tipos de) dinossauros abundaram há 650 milhões de anos*. Nessa interpretação, é possível inferir que havia vários indivíduos para cada um dos dois tipos diferentes de dinossauros.

Uma outra interação entre o sentido do verbo e os quantificadores está no exemplo *Abundam poucos/muitos homens em 2022*, em que *Abundam poucos* é contraditório e *Abundam muitos* é um pleonasmo. A sentença se aproximaria um pouco mais da gramaticalidade se fosse interpretada como *Abundam muitos/poucos (tipos de) homem*, mas ainda sim é uma interpretação muito subjetiva, já que, como todos os homens pertencem à mesma espécie, *tipos de homem* seria apenas homens com características diferentes (alegre, bonito, rude...), diferentemente de *tipos de flores*, que permite uma interpretação por espécie - menos subjetiva.

Já a respeito da adjunção, novamente podem ser encontradas sentenças que são melhoradas pela presença de adjuntos. É o caso de *Cada dinossauro abundou em sua respectiva era*, que pode vir a ser *Cada dinossauro herbívoro abundou em sua respectiva era*; ou ainda *Cada dinossauro predador abundou em seu respectivo território de domínio*. Interessantemente, os adjuntos também são suficientes para interferir na contradição entre *poucos* e *abundam* e no pleonasmo entre *muitos* e *abundam*: A*bundam poucos homens bonitos em 2022*; *Abundam muitos homens feios em 2022*. Aparentemente, o adjunto delimita qual subconjunto do conjunto *homens* está ou não em abundância.

Ao analisar o quadro, pode-se também notar que a hipótese foi consistente e em vários pontos se assemelha ao Quadro 4: os quantificadores fortes, quando inseridos em posição pós-verbal da sentença existencial, foram fortemente rejeitados, como a hipótese

prevê. Quando colocadas em posição pré-verbal, todavia, houve uma melhor aceitação das expressões quantificadoras quando associadas ao tempo passado, resultando em sentenças gramaticais e algumas situacionais. O tempo presente foi o que mais barrou o deslocamento das expressões quantificadoras fortes para a posição pré-verbal, mesmo tendo rejeitado com unanimidade a presença de quantificadores fortes em posição pós-verbal. O tempo futuro, assim como o tempo presente, produziu sentenças gramaticais e situacionais.

Quadro 6 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *haver*

Verbo *haver*							
QUANTIFICADOR		Posição Pré-verbal + pass	Posição Pré-verbal + pres	Posição Pré-verbal + fut	Posição pós-verbal + pass	Posição pós-verbal + pres	Posição pós-verbal + fut
Forte	*Todos*	**Todos os dinossauros havia há 65 milhões de anos.*	**Todos os homens há em 2022.*	**Todos os robôs haverá daqui a 500 anos.*	**Havia todos os dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Há todos os homens em 2022.*	**Haverá todos os robôs daqui a 500 anos.*
	Cada	**Cada dinossauro havia em sua respectiva era.*	**Cada homem há em sua respectiva era.*	**Cada robô haverá em sua respectiva era.*	**Havia cada dinossauro em sua respectiva era.*	**Há cada homem em sua respectiva era.*	**Haverá cada robô em sua respectiva era.*
	A maioria de	**A maioria dos dinossauros havia há 65 milhões de anos.*	**A maioria dos homens há em 2022.*	**A maioria dos robôs haverá daqui a 100 anos.*	*Havia a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.	*Há a maioria dos homens em 2022.	*Haverá a maioria dos robôs daqui a 100 anos.
Fraco	*Poucos/ Muitos*	**Poucos/muitos dinossauros havia há 650 milhões de anos.*	**Poucos/muitos homens há em 2022.*	**Poucos/Muitos robôs haverá daqui há 500 anos.*	*Havia poucos/muitos dinossauros há 65 milhões de anos.*	*Há poucos/muitos homens em 2022.*	*Haverá poucos/muitos robôs daqui a 500 anos.*
	Numerais	**Dois dinossauros havia há 650 milhões de anos.*	**Dois homens há em 2022.*	**Dois robôs haverá daqui a 10 anos.*	*Havia dois dinossauros há 650 milhões de anos.*	*Há dois homens em 2022.*	*?Haverá dois robôs daqui a 10 anos.*

Quadro 7 - Posição sintática e gramaticalidade de quantificadores fortes e fracos em sentenças existenciais com o verbo *ter*

Verbo *ter*							
QUANTIFICADOR		Posição Pré-verbal + pass	Posição Pré-verbal + pres	Posição Pré-verbal + fut	Posição pós-verbal + pass	Posição pós-verbal + pres	Posição pós-verbal + fut
Forte	*Todos*	**Todos os dinossauros tinha há 65 milhões de anos.*	**Todos os homens tem em 2022.*	**Todos os robôs terá daqui a 500 anos.*	**Tinha todos os dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Tem todos os homens em 2022.*	**Terá todos os robôs daqui a 500 anos.*
	Cada	**Cada dinossauro tinha em sua respectiva era.*	**Cada homem tem em sua respectiva era.*	**Cada robô terá em sua respectiva era.*	**Tinha cada dinossauro em sua respectiva era.*	**Tem cada homem em sua respectiva era.*	**Terá cada robô em sua respectiva era.*
	A maioria de	**A maioria dos dinossauros tinha há 65 milhões de anos.*	**A maioria dos homens tem em 2022.*	**A maioria dos robôs terá daqui a 100 anos.*	**Tinha a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.*	**Tem a maioria dos homens em 2022.*	**Terá a maioria dos robôs daqui a 100 anos.*
Fraco	*Poucos/ Muitos*	**Poucos/muitos dinossauros tinha há 650 milhões de anos.*	**Poucos/muitos homens tem em 2022.*	**Poucos/Muitos robôs terá daqui há 500 anos.*	*Tinha poucos/muitos dinossauros há 65 milhões de anos.*	*Tem poucos/muitos homens em 2022.*	*Terá poucos/muitos robôs daqui a 500 anos.*
	Numerais	**Dois dinossauros tinha há 650 milhões de anos.*	**Dois homens tem em 2022.*	**Dois robôs terá daqui a 10 anos.*	*Tinha dois dinossauros há 650 milhões de anos.*	*Tem dois homens em 2022.*	*?Terá dois robôs daqui a 10 anos.*

Os verbos *haver* e *ter* com sentido de existência, gramaticalmente falando, são impessoais, isto é, não aceitam sujeito. Como consequência desse fator, os verbos sempre permanecem no singular, já que o elemento nominal a eles associado -e que tem sua existência assertada- parece desempenhar, portanto, o papel sintático de objeto. Logo, frases como *Muitos dinossauros tinham há 65 milhões de anos* ou *Tinham muitos dinossauros há 65 milhões de anos* evidenciam um erro de concordância verbal, já que *dinossauros*, elemento nominal que tem a existência de seu referente assertada, é o objeto direto, não o sujeito. O verbo *ter* apresenta sujeito e concorda com ele quando possui sentido de posse: *Ana tem/ Ana e João têm muito dinheiro*.

Os Quadro 6 e 7 evidenciam o quanto que *haver* e *ter* são mais restritos que *existir* e *abundar*. Basicamente, os verbos *haver* e *ter* tiveram um comportamento bem constante: recusar quantificadores fortes nas posições pré e pós-verbal e aceitar quantificadores fracos apenas na posição pós-verbal. Essa dinâmica é uma consequência da impessoalidade dos verbos, que, por não aceitarem sujeito, provavelmente possuem fortes restrições quanto a elementos nominais em posição pré-verbal. Os quantificadores fracos na posição pós-verbal formam sentenças gramaticais e que funcionam muito bem com adjuntos locativos: *tinha duas maçãs na geladeira*.

É válido ressaltar que os verbos *haver* e *ter* se comportam como o esperado na literatura, ou seja, mostram-se verbos existenciais que não aceitam argumentos com quantificadores fortes. Se o verbo não aceita o movimento do argumento para a posição pré-verbal e recusa quantificadores fortes em posição pós-verbal, acaba por corroborar a hipótese inicial deste trabalho: os quantificadores fortes vão ocorrer prioritariamente na posição pré-verbal dos verbos existenciais; como *ter* e *haver* não disponibilizam essa posição sintática, acabam por dificultar a presença de quantificadores fortes, já que estes não poderão aparecer após o verbo existencial. Assim, essas expressões ocorrerão somente com verbos que aceitam tal posição preenchida por um argumento: *existir* e *abundar*.

Já sobre os exemplos dos Quadros 5 e 6, das sentenças gramaticais, as formuladas no passado e no presente tendem a ser melhor aceitas. As no futuro, por sua vez, apresentaram certo grau de situacionalidade e podem precisar de um contexto específico para serem formuladas por falantes. Acreditamos que seja difícil para o falante fazer "previsões" sobre existência com quantidades específicas, o que não comprometeria a

gramaticalidade da sentença, já que numerais são quantificadores fracos e, portanto, podem ocupar a posição pós-verbal de construções existenciais- mas também deixariam sua ocorrência mais dependente de um contexto mais específico.

Por sua vez, de todos os quadros construídos a partir dos verbos existenciais selecionados -*existir*, *ter*, *abundar* e *haver*- o verbo *haver* foi o que apresentou comportamento mais regular e restrito. *Haver* e *ter* (sentido de *existir*) mostraram, de forma geral, pontos bastante semelhantes. Isso possivelmente e provavelmente se deve ao fato de que ambos os verbos são sinônimos e, em termos de literatura, costumam ser analisados de forma paralela (BIZERRA et al., 2011; CALLOU; AVELAR, 2000; SIQUEIRA, 2012).

Em termos de adjunção, a inserção de adjuntos não foi suficiente para que as expressões quantificadoras ocupassem a posição pré-verbal do verbo, reforçando a resistência que *ter* e *haver* possuem a elementos nominais em posição pré-verbal. A inserção de adjuntos também não foi suficiente para licenciar expressões quantificadoras fortes na posição pós-verbal do verbo, única posição disponível para elementos nominais.

Após análise dos quatro quadros de verbos existenciais -*existir*, *abundar*, *have*r e *ter*- cabe então formalizar as semelhanças encontradas entre eles:

- *Existir* e *abundar* aceitam elementos nominais em posição pré-verbal; *haver* e *ter*, não.
- *Existir*, *abundar*, *haver* e *ter* se mostraram resistentes à presença de quantificadores fortes em posição pós-verbal.
- *Existir*, *abundar*, *haver* e *ter* não se mostraram resistentes à presença de quantificadores fracos, com poucos casos em que esses quantificadores não foram aceitos.
- A presença de adjuntos se mostrou um fator relevante para a elaboração de construções existenciais com quantificadores fortes, principalmente para os verbos *existir* e *abundar*, que licenciam elementos nominais em posição pré-verbal.
- O tempo verbal passado foi o que melhor aceitou a presença de quantificadores fortes nas construções existenciais.

3.1. SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Após análise individual de cada quadro, com seus respectivos verbos existenciais, bem como checagem de pontos comuns entre as tabelas elaboradas, é possível sistematizar e estabelecer postulações a respeito do comportamento sintático-semântico de quantificadores fortes associados a verbos com sentido de existência.

1ª postulação: *Em sentenças com verbos existenciais, os quantificadores fortes só podem ser realizados na posição pré-verbal.*

Essa postulação foi a primeira hipótese tida na elaboração da pesquisa, e nota-se que ela é bastante coerente com os dados apresentados. Como mostrado anteriormente por Viotti (2002), é possível que haja sim, em eventuais sentenças e construções existenciais, um determinante forte ocupando a posição pós-verbal, mas esses casos são exceções à regra. Os quadros criados com os verbos *existir, abundar*, *haver* e *ter* evidenciam com clareza o fato de que os quantificadores fortes não são licenciados na posição pós-verbal de verbos existenciais.

Nota-se pares de sentenças em que a gramaticalidade depende exclusivamente da posição sintática em que se encontram o quantificador forte e o elemento nominal associado a ele:

(28) Todos os dinossauros existiram há 65 milhões de anos. // *Existiram todos os dinossauros há 65 milhões de anos.

Nota-se também pares de sentenças em que, quando colocados o quantificador forte e o elemento nominal associado a ele em posição pré-verbal, a sentença, em termos de aceitabilidade, torna-se menos situacional:

(29) A maioria dos dinossauros abundaram há 65 milhões de anos. // ?Abundou a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.

2ª postulação: *Quando expressões quantificadoras fortes se combinam a verbos existenciais, a pressuposição de existência incide sobre o conjunto de indivíduos descrito pelo elemento nominal associado ao quantificador, enquanto que a asserção de existência incide sobre um subconjunto do conjunto maior. Os adjuntos explicitam esse fato.*

A movimentação dos quantificadores fortes para a posição pré-verbal está ligada à ideia de conjuntos. Essa ligação trata do fato de que a pressuposição de existência, desencadeada pelo quantificador forte, irá ter como referência o conjunto descrito pela expressão nominal que acompanha o quantificador, na medida em que a asserção de existência desencadeada pelo verbo irá incidir sobre um subconjunto desse conjunto. Daí, nota-se a importância dos adjuntos: especificar o subconjunto sobre o qual a asserção de existência irá incidir.

Vale aqui salientar que as diferentes referências para a pressuposição de existência e para a asserção de existência resultam da interação entre força quantificacional (no caso, se o quantificador é forte) e posição sintática. A capacidade de o quantificador expressar em seu sentido a ideia de subconjuntos não interfere nesse resultado. Observa-se:

(30) Existiram dinossauros/Dinossauros existiram há 65 milhões de anos.

O exemplo acima, sem quantificadores na frase, pode ser representado por meio da seguinte proposição: Há um conjunto de indivíduos formado por dinossauros que existiram no período correspondente há 65 milhões de anos. Essa interpretação difere-se das seguintes:

(31) Existiram muitos dinossauros/ Muitos dinossauros existiram há 65 milhões de anos.

(32) A maioria dos dinossauros existiu há 65 milhões de anos.

(A frase com o quantificador forte e seu respectivo elemento nominal em posição pós-verbal é agramatical).

As frases em (31) e (32) são, respectivamente, formadas por um quantificador fraco -*muitos*- e por um quantificador forte -*a maioria de*. Todavia, no que tange à interpretação do sentido da frase, vê-se que os dois quantificadores têm, em seu sentido, a capacidade de delimitar subconjuntos: em (31), há um conjunto de dinossauros, formados por muitos indivíduos, que existiram há 65 milhões de anos. Há também um segundo conjunto de indivíduos, sem maiores especificações, mas formados por dinossauros que não existiam há 65 milhões de anos. Já em (32), há um conjunto de dinossauros, formado pela maioria dos indivíduos, que existiram há 65 milhões de anos. Há também um conjunto de dinossauros, cuja quantidade não corresponde à maioria, que existiu em outro período temporal.

Encontram-se também sentenças -com quantificadores fortes e com quantificadores fracos- que não apresentam a mesma dinâmica de subconjuntos.

(33) Todos os dinossauros existiram há 65 milhões.

(A frase com o quantificador forte e seu respectivo elemento nominal em posição pós-verbal é agramatical.)

(34) Dois dinossauros existiram/Existiram dois dinossauros há 65 milhões.

Em (33), o quantificador *todos* não permite a interpretação por subconjuntos, uma vez que é um quantificador cuja função é fazer referência a todos os indivíduos de um grupo, e não os repartir, como discutido anteriormente. Já em (34), há duas possíveis interpretações: se o sintagma *dois dinossauros* for compreendido como *duas espécies de dinossauros*, não haverá divisão em subconjuntos, mas sim a existência de dois conjuntos autônomos: tanto o conjunto da espécie A quanto o conjunto da espécie B existiram há 65 milhões de anos. Por outro lado, se o sintagma *dois dinossauros* for compreendido como dois indivíduos, a sentença será interpretada por meio de um único conjunto de dinossauros, conjunto esse de dois elementos.

Logo, é perceptível que, para que um quantificador seja capaz de pressupor a existência de um referente diferente do que é assertado pelo verbo, ele não precisa ter, em seu sentido, a capacidade de delimitar a parte de um conjunto, pois é a força quantificacional que vai ser responsável por esse fenômeno. É a movimentação de um quantificador forte para a posição pré-verbal do verbo existencial que possibilita que a

pressuposição de existência e a asserção de existência tenham diferentes referentes. Em situações em que apenas a movimentação do quantificador forte não for suficiente para diferenciar as referências da pressuposição de existência e da asserção de existência, os adjuntos irão ser responsáveis por essa diferenciação. Observa-se:

(35) *Existiram todos os dinossauros.
(36) *Todos os dinossauros existiram.
(37) Todos os dinossauros existiram **há 65 milhões de anos**.
(38) Todos os dinossauros da **espécie *Titanosaurus*** existiram **há 65 milhões de anos**.
(39) Todos os dinossauros **da espécie *Titanosaurus*** existiram **há 65 milhões de anos na Argentina**.

De forma geral, é possível dizer que da sentença (35) até a sentença (39) foi passada a mesma informação base: a existência de todos os dinossauros, mesmo que as frases possuam diferentes estatutos de gramaticalidade -(35) e (36) são agramaticais, as demais são gramaticais- e tenham diferentes níveis de informação -(35) e (36) informam apenas a existência de dinossauros, (37) informa a existência de dinossauros e o tempo dessa existência, (38) informa a existência de uma espécie de dinossauros e o tempo dessa existência e (39) informa a existência de uma espécie de dinossauros, o tempo dessa existência e o local dessa existência.

Em (35), a agramaticalidade da sentença se deve, principalmente, ao quantificador forte na posição pós-verbal. Já em (36), ocorre o deslocamento do quantificador forte e do elemento nominal para a posição pré-verbal, o que não é suficiente para tornar a sentença gramatical. Cabe então entender melhor o contexto dessa agramaticalidade.

(37), (38) e (39) são frases gramaticais. O interessante a respeito dessas construções é que a inserção de adjuntos torna as sentenças ainda mais gramaticais e completas (em termos informacionais). Inclusive é a adição do próprio adjunto *há 65 milhões de anos* que tornou (37) gramatical. Daí surge a explicação para a agramaticalidade de (36) e para a gramaticalidade de (37), (38) e (39): em (36), o quantificador *todos* ainda pressupõe a existência do mesmo elemento sobre que o verbo *existir* asserta a existência, o que é uma incompatibilidade, como já foi visto. Já nas outras três frases, o elemento cuja existência é pressuposta em decorrência do quantificador

todos é diferente do elemento cuja existência é assertada pelo verbo. Para melhor ilustrar essa conclusão, pode-se pensar que:

(36) *Todos os dinossauros existiram.
PRESSUPOSIÇÃO: dinossauros existiram.
ASSERÇÃO: existência de dinossauros.

(37) Todos os dinossauros existiram **há 65 milhões de anos**.
PRESSUPOSIÇÃO: dinossauros existiram.
ASSERÇÃO: existência de dinossauros há 65 milhões de anos.

(39) Todos os dinossauros **da espécie *Titanosaurus*** existiram **há 65 milhões de anos na Argentina**.
PRESSUPOSIÇÃO: dinossauros existiram.
ASSERÇÃO: existência de dinossauros da espécie *Titanosaurus* há 65 milhões de anos.

Assim, a possibilidade de inserção de um quantificador forte em uma sentença existencial está diretamente ligada à capacidade de esse quantificador forte possibilitar uma pressuposição de existência do referente do elemento nominal que se difira da asserção estabelecida pelo verbo. Os responsáveis por essa diferenciação ser bem-sucedida são os adjuntos, que vão delimitar informações de modo, espaço, tempo...associados ao deslocamento do quantificador forte para a posição pré-verbal da sentença existencial. Os adjuntos se somam à asserção, mas não à pressuposição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, tivemos como principal propósito promover uma ampla descrição sobre o comportamento dos quantificadores, baseando-se na força quantificacional que eles possuem e na posição sintática que preenchem quando associados a verbos existenciais. Esperamos ter desempenhado essa tarefa e cumprido todos os objetivos postulados no Capítulo 1: análise de literatura, construção de um conjunto de dados sobre verbos existenciais, sobre quantificadores (fortes e fracos), bem como um que una esses dois elementos em sentenças, a fim de verificar relações sistêmicas entre eles. Neste último capítulo, expomos nossos últimos comentários a respeito da pesquisa aqui apresentada, bem como suas etapas e resultados mostrados pela dissertação.

No primeiro capítulo, foram apresentados os preceitos básicos da pesquisa: a qual vertente semântica ela se encaixa, seus objetivos gerais e específicos e também a hipótese que norteou as leituras bibliográficas, a delimitação de verbos e determinantes/quantificadores e a análise que relaciona esses dois elementos na sintaxe das sentenças. Foi extremamente satisfatório acompanhar o desenvolvimento da hipótese: o autor acreditava que só a movimentação do quantificador forte e do elemento nominal a ele associado para a posição pré-verbal das sentenças existenciais já seria suficiente para torná-las gramaticais. Porém, essa premissa simples se desdobrou em um fenômeno linguístico muito mais complexo, que exigia observação não só da posição sintática do NP, como também de outras partes da sentença, como tempo verbal, adjunção, transitividade do verbo...

A hipótese final, consolidada ainda no projeto de dissertação, tornou-se então bem mais ambiciosa, mas não menos coerente, exatamente por conciliar tantos fatores linguísticos: a mudança do quantificador forte e do elemento nominal ao qual o quantificador se refere para a posição pré-verbal, a maior aceitabilidade do tempo passado nessas construções e as melhoras promovidas pela presença de adjuntos são fatores que evidenciam que a pressuposição de existência e a asserção de existência não estão incidindo sobre o mesmo referente.

No segundo capítulo, foi apresentado todo o conteúdo teórico que norteou a pesquisa. Para que a hipótese seja compreendida em sua totalidade, foi indispensável

abordar os conceitos base da Semântica Formal, sendo eles significado, referência, valor de verdade, composicionalidade, predicado, argumento, força quantificacional etc. Todos eles tiveram sua importância durante a pesquisa bibliográfica e durante a organização e agrupamento dos verbos existenciais e dos determinantes/quantificadores.

Também é importante ressaltar a satisfação por trás do uso das referências adotadas neste trabalho. É de muito valor poder conciliar grandes nomes brasileiros dos estudos linguísticos, como Viotti (2002), Pires (2012), Cançado (2015), Ferreira (2019) etc., com nomes internacionais, tal como Heim e Kratzer (1998), Portner (2005), Partee (2011), McNally (1997 e 2011), entre outros. Há também os recentes -e brilhantes- linguistas (SIQUEIRA, 2012; OLIVEIRA, 2020).

Finalmente, no Capítulo 3, foram mostrados e discutidos os resultados obtidos por meio da sistematização dos verbos existenciais e dos quantificadores fortes. Aqui, foram focalizados os determinantes fortes que estabelecem uma relação de quantificação com o elemento nominal, como apresentado no Capítulo 2. Os demais determinantes, cujas funções semânticas estão associadas à ideia de posse ou de definitude, podem ser abordados em pesquisas futuras.

Inclusive, os artigos são determinantes que nos despertam muito interesse, já que, embora tenham função principal de definir ou indefinir o elemento nominal que acompanha, também conseguem expressar a ideia de quantidade (já que possui formas singulares e plurais).

A respeito dos quadros sentenciais, criados para cada verbo existencial selecionado e para cada quantificador de interesse, pode-se perceber a regularidade do fenômeno apresentado nesta pesquisa e a solidez da hipótese construída:

a. De fato, as construções existenciais preferem determinantes fracos.

(40) Muitos dinossauros abundavam há 65 milhões de anos. // Abundavam muitos dinossauros há 65 milhões de anos.

b. Quando há determinantes fortes, essas construções tendem a aceitá-los em posição pré-verbal.

(41) A maioria dos dinossauros abundaram há 65 milhões de anos. / *Abundou a maioria dos dinossauros há 65 milhões de anos.

c. A elaboração da sentença com o tempo passado e com adjuntos melhoram a sentença. Inclusive, algumas sentenças se tornam gramaticais quando são colocadas no passado ou quando recebem adjuntos.

(42) ?Todos os dinossauros abundaram há 65 milhões de anos. / Todos os dinossauros da espécie *Elasmousaurus* abundaram há 65 milhões de anos.

d. Os adjuntos, associados a quantificadores fortes em posição pré-verbal, delimitam subconjuntos, o que torna o elemento de existência assertada diferente do elemento de existência pressuposta.

(43) Todos os dinossauros da espécie *Elasmosaurus* abundaram há 65 milhões de anos.
PRESSUPOSIÇÃO: Existência de dinossauros
ASSERÇÃO: Existência de dinossauros da espécie *Elasmousaurus* há 65 milhões de anos

Também, como previsto, embora os verbos *existir* e *abundar* se mostrem bastante adeptos a receberem os quantificadores fortes e o elemento nominal em posição pré-verbal, o mesmo não acontece com *haver* e *ter*, que, apesar dos diferentes graus de formalidade em seu uso, são impessoais e se recusam veementemente a aceitar que o quantificador forte e o elemento nominal preencham a posição em questão.

Por fim, para encerrar este trabalho, gostaríamos de mencionar o principal ganho deste trabalho: contribuir para a descrição da língua portuguesa. Entender o funcionamento da língua é um desafio que impulsiona o linguista em sua profissão, e fazer parte do processo de compreensão de assuntos tão relevantes para a Linguística, especialmente a Semântica, é um privilégio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo J. P. Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Universität Bayreuth, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28082013-153034/publico/2013_PauloJefersonPilarAraujo_VCorr.pdf . Acesso em 10 mar. 2023

BIZERRA, P. R. B.; COSTA, A. A.; PINTO, D. S.; REIS, J. A.; SOUSA, G. E. Verbos existenciais: Ter/Haver. In: **Revista Virtual dos Estudos da Linguagem (ReVEL)**, v.9, n.17, p. 367-381, 2011. Disponível em: Microsoft Word - revel_17_verbos_existenciais.doc. Acesso em: 14 mar. 2022.

BORGES, J. N. Semântica formal. In: **Fórum Lingüist!co**, v.17, n.especial, p. 4689-4700, jun. 2002. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17nespp4689. Acesso em set. 2022.

BROOKS, P. J; BRAINE, M. D. S. What do children know about the universal quantifiers *all* and *each* ? IN: **Cognition**, *v.60, n.*,3, p.235–268. Disponível em: https://doi.org/10.1016/0010-0277(96)00712-3. Acesso em abr. 2023

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. In**: Gragoatá**, Rio de Janeiro: v5, n9. p. 85-100, 2000. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/49038 .Acesso em 12 mai. 2022.

CANN, Ronnie. **Formal Semantics**: An introduction. 1 ed. Cambridge: University Press of Cambridge, 1993.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica:** noções básicas e exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. In: **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2009. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1676 . Acesso em: 15 abr. 2023.

CANÇADO, M; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. 2017. VerboWeb: syntactic-semantic classification of Brazilian Portuguese verbs. Lexical Database. UFMG. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/verboweb.

CHIERCHIA, Gennaro & MCCONNELL-GINET, Sally (1990). **Meaning and Grammar:** An Introduction to Semantics. Cambridge, MIT Press.

CHIERCHIA, Gennaro. Formal Semantics. In: ASHER, Roland E. **Encyclopedia of Language and Linguistics.** 2. ed. Elsevier; 2006, p. 564-579. Disponível em: Formal Semantics | Gennaro Chierchia (harvard.edu). Acesso em 10 abr. 2023.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. P**ortuguês Brasileiro, contatos lingüísticos, heterogeneidade e história** (Orgs.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em: Duarte-existenciais.doc (usp.br). Acesso em jan. 2023.

FERRAREZI, Celso J. **Semântica:** Linguística para o ensino superior. 6. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2019.

FERREIRA, Marcelo. **Curso de semântica formal.** Berlim: Language Science Press, 2019.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika**. Semantics in Generative Grammar**. 1. ed. Armherst: Blackwell, 1998. Disponível em: http://users.uoa.gr/~wlechner/Creteling2017/Textbooks/Heim%20and%20Kratzer%201998.pdf . Acesso em: 09 nov. 2021.

LEWIS, David. General Semantics. In: **Synthese**, Germany, v. 22, n.1, p. 18-67, dez. 1970. Disponível em: https://terpconnect.umd.edu/~pietro/fall2020e/Lewis_GeneralSemantics.pdf. Acesso em fev. 2023.

MCNALLY, Louise. **A Semantics for the English Existential Construction**. Nova Iorque: Garland Press, 1997. Disponível em: https://www.upf.edu/documents/2979964/0/McNally1997.pdf/5f057724-1a18-451f-858c-68d7e5832586 .Acesso em 10 jan. 2023.

MCNALLY, Luoise. Existential Sentences. In: C. Maienborn, K. von Heusinger & P. Portner, (eds). **Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning**. 2011. Berlin: de Gruyter, p. 1829 – 1848. Disponível em: (PDF) Existential Sentences. 2011. in C. Maienborn, K. von Heusinger & P. Portner, (eds). Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning. Berlin: de Gruyter (researchgate.net). Acesso em: 02 abr. 2022.

MÜLLER, Ana Lucia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. **Semântica formal**: Introdução à lingüística II - princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/3498593/VIOTTI_E_MULLER_Ana_O_Comportamento_Sintático_e_Semântico_dos_Sujeitos_Indefinidos_no_Português_Brasileiro_Revista_Letras_Curitiba_Curitiba_v_60_p_435_453_2003 Acesso em: 25 mar. 2023.

OLIVEIRA, Kelly S. **Os verbos de estado no Português brasileiro**. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 151. 2020.

PARTEE, Barbara H. Formal Semantics: Origins, issues, early impact. In: **The Baltic International Yearbook of Cognition Logic and Communication**, Massachusetts, 6, p. 1-52, 2011. Disponível em: . Acesso em: 07 ma. 2022.

PIRES, R. O. **Semântica Formal**: uma breve introdução. 3. ed. Campinas, Mercado de Letras: 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4551177/mod_resource/content/0/Pires%20de%20Oliveira.%20Semantica%20formal.pdf. Acesso em abr. 2023.

PORTNER, Paul. **What is meaning?** *Fundamentals of formal semantics*. 1.ed. Nova Jersey, Wiley-Blackwell: 2005.

SIQUEIRA, Iane C. Ao Os verbos existenciais: um estudo diacrônico. In: Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE. 24, 2012, Natal, RN. **Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. Natal: EDUFRN, 2012. Disponível em: Ao OS VERBOS EXISTENCIAIS: UM ESTUDO DIACRÔNICO 1 Iane Siqueira Correia (UFRPE/ UAST) (1library.org). Acesso em: 01 mai. 2022.

VIOTTI, Evani. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. **Revista do GEL**, *[S .l.]*, p. 127–153, 2002. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/285 . Acesso em: 14 out. 2023.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **As construções existenciais na fala e na escrita**. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v.14, n.0 Dezembro 2013. Disponível em: http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br. Acesso em 10 abr. 2023.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A competição *ter*, *haver* e *existir* na escrita escolar.** Revista SIGNUM de Estudos Linguísticos. Londrina, v.18, n.1. p. 365-391. Jun. 2015. Dezembro 2013. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiV7rjymsP-AhUSrpUCHUSjDCUQFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.ufrj.br%2Findex.php%2Fdiadorim%2Farticle%2Fdownload%2F4058%2F15567&usg=AOvVaw2JMMeLcylrcjnX0RblGUZh .Acesso em 6 abr. 2023